Num. 347 — Sabbado 13 de Fevereiro de 1915 — Anno VIII

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

UM VALOR MAIS ALTO SE ALEVANTA

— Vá, seu Pinheiro. Dê o fóra.

ISIS-VITALIN

Eis a opinião dos grandes vultos da sciencia medica:

O Exmo Sr. Doutor Albino Pacheco, capello em medicina e cirurgia pela Universidade de Coimbra, Socio da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisbôa, Medico do Hospital da Estrella de Lisbôa, Membro do Comité do XV. Congrès International de Medicine. Antigo deputado da Nação etc. assim se exprime sobre o celebre preparado ISIS VITALIN:

"Eu, abaixo assignado, doutor em Medicina e Cirurgia etc. declaro que, tendo feito uso na minha clinica do preparado ISIS VITALIN, delle obtive os melhores resultados como aperetivo, tonico e reconstituinte."

Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1915.

(ass.) *Dr. Albino Pacheco*

Firma reconhecida pelo Tabellião Dr. Fonseca Hermes.

MOLESTIAS DE SENHORAS?

Esta preparação CURA radicalmente todas as molestias do UTERO, como sejam: HEMORRHAGIAS, FLORES BRANCAS, FLUXO CERVICAL e outras molestias congeneres, acalma as dores e colicas da MATRIZ e regularisa a menstruação, seja ou não abundante o fluxo.

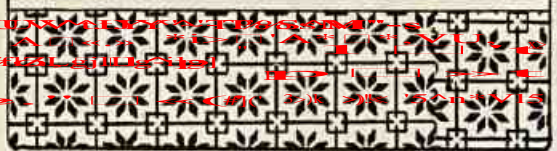
Pelas propriedades tonicas e fortificantes que possue convém a todas as senhoras que soffrem de ANEMIA e CHLOROSE.

APPROVADA PELA DIRECTORIA GERAL DA SAUDE PUBLICA DO BRAZIL

LABORATORIO DA SAUDE DA MULHER

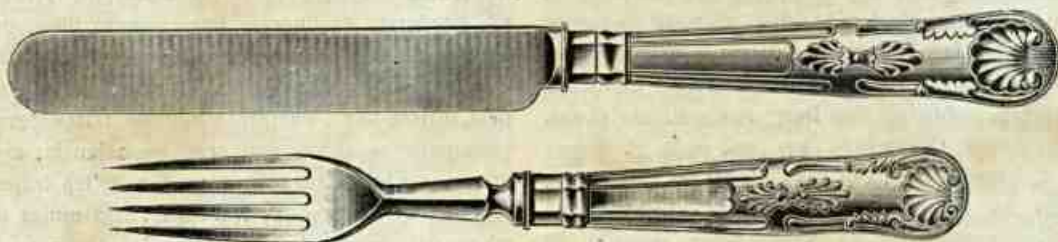
DAUDT & LAGUNILLA

Rua do Riachuelo n. 430, RIO DE JANEIRO

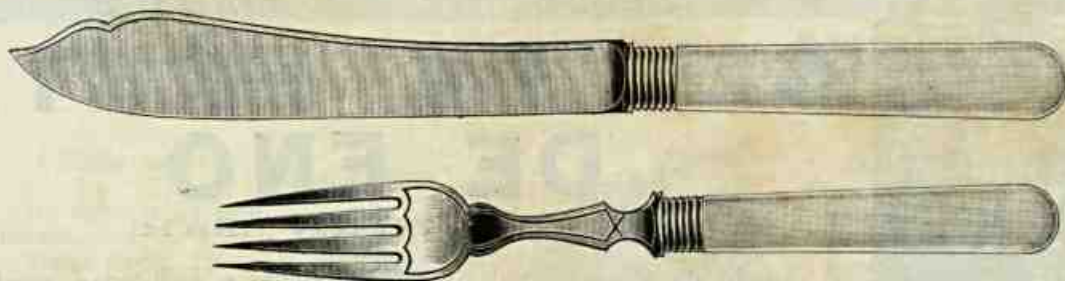
(Antiga casa DAUDT & FREITAS, de Porto Alegre)

Inventores dos preparados:

A SAUDE DA MULHER, BROMIL, BORO-BORACICA E DEPURATIVO LYRA

GRANDES FABRICANTES INGLEZES

TALHERES PARA FRUCTAS

A NOSSA ESPECIALIDADE

"PRATA PRINCEZA"

TALHERES PARA PEIXE

SECÇÕES DA CASA

JOALHERIA — BAIXELLAS — PORCELANAS

PRATARIA — TALHERES — CRYSTAES

MARROQUINARIA — LAMPADAS ELECTRICAS

100, OUVIDOR — RIO DE JANEIRO

Figuras e cousas de outras terras

Um antepassado de Guilherme II — Carlyle, o grande escriptor inglez, era como se sabe, um espirito profundamente germanisado. A sua sympathia pela Allemanha transparece de todos os seus livros. Abordando qualquer assumpto, de critica, de philosophia, de historia ou de moral, sempre o auctor d'*Os Heroes e o Culto dos Heroes*, revelava invariavelmente o seu amor ás ideias, á indole, aos costumes germanicos. Não admira, pois, que Hauptmann, ha pouco tenha, declarado que Carlyle pertence mais aos allemães que aos inglezes. A guerra actual torna interessantes os seguintes conceitos emittidos pelo celebre publicista, no livro *Frederick the Great*, sobre Frederico Guilherme, um dos avós do Kaiser actual. Contradicções ! Foi esse monarcha prussiano, possuido de fanatismo pelas causas militares, que o espirito escarninho de Saint-Victor chamou de Guilherme o Bruto (*Guillaume Le Gros*). Por outro lado, o seu appellido historico é o *Rei-Sargento.* Saint-Victor considera como um dos traços inferiores do caracter de Frederico Guilherme o seu pendor para os soldados de porte agigantado. Fôra elle o organisador do *Regimento de gigantes*, de Potsdam, cellula *mater*, póde dizer-se, da avantajada *Guarda Prussiana* de Guilherme II. Vêde como Carlyle versou o thema :

«Com a morte do velho rei Frederico, houve immediatamente grandes mudanças na côrte de Berlim ; uma mudança total no modo de viver e agir ali. Frederico Guilherme, por respeito filial, usou no enterro de seu pai a imponente cabelleira á franceza e outras sublimidades do vestuario francez ; mas foi pela ultima vez : cumprido aquelle triste dever, poz tudo para o lado, não sem impaciencia, e em nenhuma occasião tornou a usar aquelles trajes. Não era inimigo das modas francezas, nem nunca o fôra ; muito pelo contrario. Na infancia, dizem os biographos, deram-lhe uma vez um roupão bordado, de panno de ouro, ou cousa semelhante, summamente magnifico ; mas de modo algum o quiz vestir ou

DESDE FAZ 40 ANNOS o

SAL DE FRUTA DE ENO

(Eno's Fruit Salt)

ha gozado da maior popularidade e ajudado a milhões a recobrar a **SAUDE**, o **BOM SEMBLANTE** e o **BEMESTAR.**

E'o melhor remedio contra a **CONSTIPAÇÃO,** o excesso bilioso a **INDIGESTÃO,** as dores de cabeça, a **IMPUREZA DO SANGUE** e o estado febril do organismo.

Tem um gosto agradavel e uma acção doce, sem regimem especial, sem perda de tempo, nada mais que com um copo de **SAL DE FRUTA DE ENO.** Si se toma cada manhã, logo notareis uma grande melhoria no estado géral. A nutrição volve-se agradavel e proveitosa, o somno e ininterrompido e reparador e se recupera o bom semblante. E'muito gustado pelas crianças e podem tomal-o com seguridade.

CONSERVEM SEMPRE UM FRASCO NA CASA OU EM VIAGEM.

Preparado unicamente por J. C. ENO Ltd. LONDRES

Cuidado com as Imitações. Nossa marca de fabrica esta registrada.

DE VENDA NAS PRINCIPAES PHARMACIAS.

sequer olhar para elle; antes indignado o metteu no lume e pediu que em vez daquillo lhe dessem um bom fato pratico de flanela...

Era cheio de sensibilidade, por grosseiro e pelludo que fosse. A sua imaginação tumultuosa atirava-o terrivelmente de um lado para o outro. Deve ter os privilegios do genio. O seu regimento de gigantes, de Potsdam, a sua paixão, em apparencia louca, por recrutar homens altos, isto tambem me parece uma das exquisitices do genio, uma tendencia exaggerada para levar a belleza da sua «estrophe» ao mais minucioso ponto de perfeição, e tem parallelos na historia dos poetas. Mais extranho homem de genio, ou em mais extranhas circumstancias, nunca o mundo o viu!

Frederico Guilherme tinha percebido, com a sua natural intelligencia arithmetica, que a sua força neste mundo, no estado actual, muito dependeria da somma de combate potencial que nelle houvesse, na quantidade e qualidade de soldados que pudésse manter e ter promptos para a guerra em qualquer occasião...

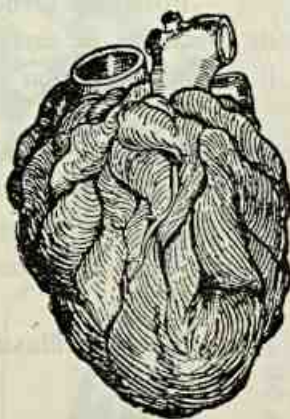
Nos tempos da batalha de Malplaquet, diz-se que uma vez dois officiaes inglezes, pouco conhecedores do assumpto, e assás provocadores na sua ignorancia desdenhosa, estavam discutindo, ao alcance do ouvido de Frederico Guilherme, a força guerreira do Estado Prussiano. — Se o rei da Prussia podia só com os seus recursos manter um exercito de 15 000 homens? Frederico Guilherme, irado da causa e do tom, diz-se que respondera com calor: — «Sim, 30 000!» ao que os dois militares menearam levemente a cabeça, deixando de momento a materia. Mas elle se encarregará de tornar certa a informação gradualmente, e dupla e triplamente; e antes de morrer virá a ter um exercito de 60 a 100.000 homens; e, o que mais espanta, um thezouro repleto. Eis o rei spartano de Brandeburgo...»

E Carlyle accrescenta: «Tenho notado que de todas as cousas de que uma nação precisa, a primeira é ser disciplinada; e que nenhuma nação que não foi primeiro governada por o que se chama «Tyrannos» e tida em mão até estar perfeita em todos os passos e inteiramente respeitadora da regra e da lei, e de todo tendo horror da falta dellas, chegou alguma vez a ser grande cousa neste mundo.»

Dir-se-ia que Carlyle advinhára a Allemanha moderna...

HABITO DA EMBRIAGUEZ

Coração normal

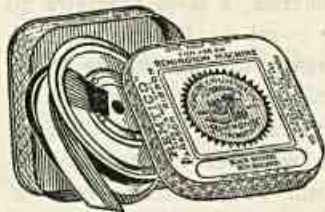
Do tamanho da mão fechada.
Fibras fortes.
Côr avermelhada.
Não tem placas leitosas.
Não é coberto de gordura.
As valvulas são perfeitas.
Resiste bem ás emoções sem causar a morte.

Coração de bebedor

Muito maior.
Fibras degeneradas, fracas.
De côr esbranquiçada pelas placas leitosas e grande quantidade de gordura que o envolvem.
Valvulas estragadas.
Resistindo pouco ás emoções e causando commummente a morte.

Cura-se immediatamente o habito da embriaguez com o **SALVINIS** e as **GOTTAS DE SAUDE**, medicamentos formulados pelo Dr. Cunha Cruz, após 15 annos de perseverantes estudos, propaganda pela imprensa, tribuna e exercicio clinico contra o habito das bebidas alcoolicas.

O **SALVINIS** suspende immediatamente o habito, e as **GOTTAS DE SAUDE** completam a cura, illudindo o organismo e corrigindo as lesões e perturbações de funcções que as bebidas alcoolicas produzem no corpo. Estes medicamentos além de produzirem effeitos immediatos pelos ingredientes que contêm, operam SUGGESTIVAMENTE pelas indicações do seu autor. Os resultados d'estes medicamentos são tão extraordinarios, que podemos dizer: Só se não cura hoje do habito da embriaguez alcoolica quem não desejar.

Depositarios: J. M. PACHECO, Rua dos Andradas, 43 a 47 — RIO DE JANEIRO
e BARUEL & C. — Rua Direita 1 e 3 — S. Paulo. Os dois medicamentos custam 20$000 (10$000 cada um) e os depositarios os remettem pelo Correio mediante vales de 23$000. Vendem-se tambem nas boas drogarias e pharmacias. O Dr. Cunha Cruz, autor dos preparados, tem consultorio á rua da Carioca n. 31. Das 3 ás 5. — RIO DE JANEIRO

Fitas para machinas de escrever

Quando V. S. escrever em machina, lembre-se que a pessoa que receber sua carta não poderá ver a machina em que a mesma fôr escripta; — ella ignora se a machina é grande ou pequena, moderna ou antiquada. A unica cousa que verá é um pouco de tinta depositada pela fita da machina em forma de caracteres impressos.

D'ahi a conveniencia de usar fitas de primeira qualidade, que deixam uma impressão legivel, bonita e inalteravel.

Reconhecendo a importancia da fita na machina de escrever, esta Casa importa somente fitas de qualidade superior. A tela é fabricada especialmente para esse fim, e as tintas são firmes. Recebemos por todos os vapores directamente da melhor fabrica Americana, garantindo aos nossos freguezes fitas frescas e em perfeito estado.

Podemos fornecer fitas para todas as differentes classes de machinas de escrever, nas côres azul, preto, roxo e vermelho, tinta de copiar ou de escrever.

Recommendamos tambem um pedido de experiencia para nosso *papel de linho* e *papel carbonico* para machinas de escrever. Sortimento completo de oleo, borrachas, porta-originaes, mesas, cadeiras e outros accessorios para machinas de escrever.

Catalogo illustrado gratis.

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS

ANNO . . . 15$000 | SEMESTRE . . . 8$000

NUMERO AVULSO

CAPITAL . . . 300 Rs. — ESTADOS . . . . 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS — TELEPHONE N. 5341

N. 347 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 13 — FEVEREIRO — 1915 — ANNO VIII

CARNAVAL

Evohe! Evohe!...

Eu não sei o que é «Evohe». Nunca vi na minha vida, um «Evohe». Não sei se é adjectivo ou coisa de comer. Mas desde tempos immemoriaes — porque eu sou mais velho que o Pinheiro e o Rainha-Mãi sommados — tenho visto sempre as chronicas carnavalescas começadas por «Evohe».

Assim pois, seja o que fôr essa palavra, gritemos: Evohe! Evohe!

Meu nome é Arlequim, e um dia (que por signal era uma noite) em que eu estava dormindo o somno pesado que produz o vinho, pregaram, sem eu perceber, uma porção de guizos na minha roupa. Acordei chocalhando e todo o mundo poz-se a rir. De que? Não sei. Eu sou uma pessoa séria, sou talvez a personagem mais séria da historia. Sou mais grave do que o funerario coronel Barbosa Lima e de que o sepulcral Alcindo. Riem-se de mim os pascacios porque eu trago guizos na roupa. Mas deviam antes rir dos que os trazem nas orelhas.

Se forem interrogar ao homem da rua porque motivo se ri de mim elle não saberá responder. Perguntem-lhe qual é a ultima do Arlequim e elle não sabe nem ouviu dizer. No entanto sabe de cór todas as ultimas, penultimas e antepenultimas do Dudú (façam uma pausa entre *do* e *Dudú* para não dizerem *dududú*).

Ora, até pouco tempo atraz eu tomara a empreitada de fazer rir nos dias de Carnaval. Eu sou de natureza circumspecto mas não gosto de ver uma multidão macambusia, e por isso aceitei a tarefa de desmandibular os queixos do vulgo profano nos tres dias consagrados a Momo. Muitos queixos cahiram com as gargalhadas que provoquei. Outros se rasgaram de orelha a orelha. Mas isso são precalços do riso. E *le rire est le propre de l'homme*, como dizia o velho Rabelais.

Felizmente porem vou deixar a profissão de fazer rir o proximo. Vou me aposentar pela nova lei, com todos os vencimentos, porque tenho trezentos e cincoenta annos de serviço particular. E vou me aposentar, metade por cansaço, metade por despeito. Porque já tenho um substituto que me usurpou a maior parte da clientela.

Precisarei dizer quem é esse succedaneo? Não preciso. Não direi. Toda gente sabe que é o Dudú.

O Dudú vai ser este anno coroado rei do Carnaval. Já ha dias que os cordões clamam, por todos os angulos da cidade, com acompanhamento de zabumba:

Vem cá Dudú!
Vem cá Dudú!
Vem cá meu camarada!

Mas é debalde que o chamam. O camarada não vem; não desce a serra nem picado. O rei não se mistura com os seus subditos. O rei Dudú, a Rainha-Mãi e toda a sua côrte ficarão lá de cima promovendo e dirigindo a gargalhada publica.

O tempo agora é mais proprio para chorar. A Philosophia porem, ou a Logica, (ou talvez seja a Numismatica) diz que os extremos se encontram. Com effeito o frio extremo queima como o calor. E' muito commum ouvir dizer: rir até chorar. E' que o riso e o choro são irmãos germanos, isto é, allemães. Se a crise é mesmo negra, como affirmam todos os que não

têm dinheiro, o melhor meio de conciliar a situação com o proloquio popular é rir com um olho e chorar com o outro. Mas cautela com os lança-perfumes.

Diz-se da pessoa a quem irritámos que lhe chegamos a mostarda ao nariz.

Pois eu, Arlequim, com a experiencia carnavalesca que todos me reconhecem, prefiro que me cheguem a mostarda ao nariz a que me cheguem um esguicho de Rodo aos olhos. Que isto seja uma brincadeira nociva, não ha a menor duvida, embora os fabricantes de lança-perfumes garantam o contrario. Os accidentes são muito communs. E alguns fataes. Pois quem ignora que foi um esguicho de lança-perfume que cegou Camões, o celebre,

> Camões, o vate zarolho
> E poeta portuguez
> Que enxergava mais com um olho
> Do que nós com *pince-nez*.

Andamos este anno arriscados a ficar sem carnaval popular. O carnaval politico gastou todo o dinheiro da nação e rapou o Thesouro até o fundo. Mas não é com duas razões que se liquida este paiz. Se o Dudú não poude dar cabo delle, ninguem mais poderá. E a animação publica vai renascer das cinzas, como Phoenix.

Evohe!
Evohe!

ARLEQUIM

Um episodio de Metz

A cidade de Metz — que se chama *Més* e não *Métes* como erradamente muitos pronunciam — vem citada frequentemente nos telegrammas e noticias da conflagração européa. Essa cidade tem uma historia accidentada e figura nas principaes campanhas de França. Ninguem ignora a traição do marechal Bazaine na guerra franco-allemã de 1870. Mas ha um episodio mais antigo na historia da cidade. Quando o marechal La Ferté entrou em Metz, os judeus como os outros habitantes, vieram saudal-o. Vieram avisar ao marechal que os israelitas se achavam na antecamara, á espera de ser admittidos, e elle respondeu:

— Não quero ver esses marotos. Foram elles que mataram meu senhor. Não os mandem entrar.

Foram responder aos judeus que o marechal não os podia receber. Elles responderam que sentiam muito, principalmente por não poderem entregar-lhe o presente, que lhe traziam, de quatro mil pistolas (moedas de ouro da epoca).

Communicaram immediatamente o facto ao marechal, que respondeu:

— Mandem entrar esses pobres diabos. Afinal de contas elles o não conheciam, quando o crucificaram.

X.

Os prodromos do Carnaval

Aspecto da batalha de confetti de domingo ultimo, na Avenida Rio Branco.

Viajantes

Dr. Arturo Gramajo, prefeito municipal de Buenos Ayres, de passagem pelo Rio, visitou a nossa cidade.

Demetrio, rei da Macedonia, costumava abandonar os negocios publicos durante algum tempo para se entregar só ao prazer. Numa dessas occasiões em que dera como pretexto estar doente, seu pai Antigono veiu visital-o subitamente e encontrou uma loura criatura sahindo do quarto do rei. Quando Antigono entrou Demetrio disse-lhe :

— A febre acaba de me deixar.

Ao que o pai respondeu :

— Parece-me que foi ella que encontrei á porta...

De Julio Cesar da Silva recebemos, em bella *plaquette*, A MORTE DE PIEROT, *comedia triste em um acto, em verso*. E' uma delicada phantasia, ao sabor das de Rostand.

Segundo estamos informados, soffreram injusta reducção as diarias dos foguistas da Estrada de Ferro Oeste de Minas. A esses trabalhadores, quasi todos chefes de familia e condemnados a um labor excessivo, acaba o director daquella Estrada de cortar 7 dias de serviço por mez.

Elles já tinham um abatimento de um dia e meio para a Caixa. Justiça !

Malgré tout !

« CARETA » SAHE

O' povos da formosa urbs carioca :

— Que te neguem agua, vá ; que te neguem pão, tambem vá ; mas te negarem Carnaval ? !... Isso não !... Não vá...

E é por isso que nós, a despeito da miseria negra que nos opprime, e sem o menor recurso de subvenções do governo, trazemos hoje ás avenidas da nossa Sebastianopolis o nosso formoso prestito, confeccionado com o mais cuidadoso carinho pelos scenographos famosos que durante o longo anno passado pintaram o padre, o sete, o diabo etc., etc.

Por isso...

Desgraça pouca é bobagem.
E' feio um povo casmurro.
De *champagne* uma bagagem !
Haja alegria p'ra burro.

O casamento da Urucubaca com a Conflagração

NÓS VAMOS PASSAR

A' frente, bem á frente do nosso grandioso prestito, vereis, oh! Povo de nossa terra, trajando rigoroso luto, uma legião de duendes soprando nervosamente as esguias trombetas de Jericó, como no dia do juizo final.

Logo após uma centena de vistosas carruagens conduzindo commissões de todas as casas de artigos funebres estabelecidas no Brasil.

Em seguida dois batedores que representam a «Fome» e a «Vontade de Comer» cavalgando esqueleticos *pur sang*, em pleno vigor de suas ossadas, farão signaes cabalisticos para o grande carro que lhes vem á retaguarda.

Eil-o que chega.

Escoltando esse carro vereis 42 (42! notem bem) *canhões* escolhidos a dedo pelos mais competentes collecionadores de fosseis e raridades.

Sobre os joelhos ossudos
Da rubra conflagração,
A Crise em guinchos agudos
Respira por um pulmão.

São mãe e filha, talhadas
Apenas para a matança.
Dizem as almas damnadas
Que o outro é pae da creança.

A' sombra frondosa

Em seguida vereis occultos, atráz de para sóes vermelhos, doze Cupidos com as boccas hermeticamente tapadas com grandes rolhas.

oo

Mollemente recostado
Sobre almofadas macias,
Dudu 1º atterrado
Rouba ao povo... as garantias.

E o guarda Chuva encarnado
De um Sitio, por longos dias,
Guarda um perfil apagado
E muitas banhas vasias.

oo

Esse carro será escoltado por uma numerosa esquadra de destroyers.

Faremos passar depois cincoenta cavalleiros medievaes, rigorosamente cingidos dentro de suas cotas de malha, ostentando ao peito grandes flores de Liz de prata sobre campo azul e após

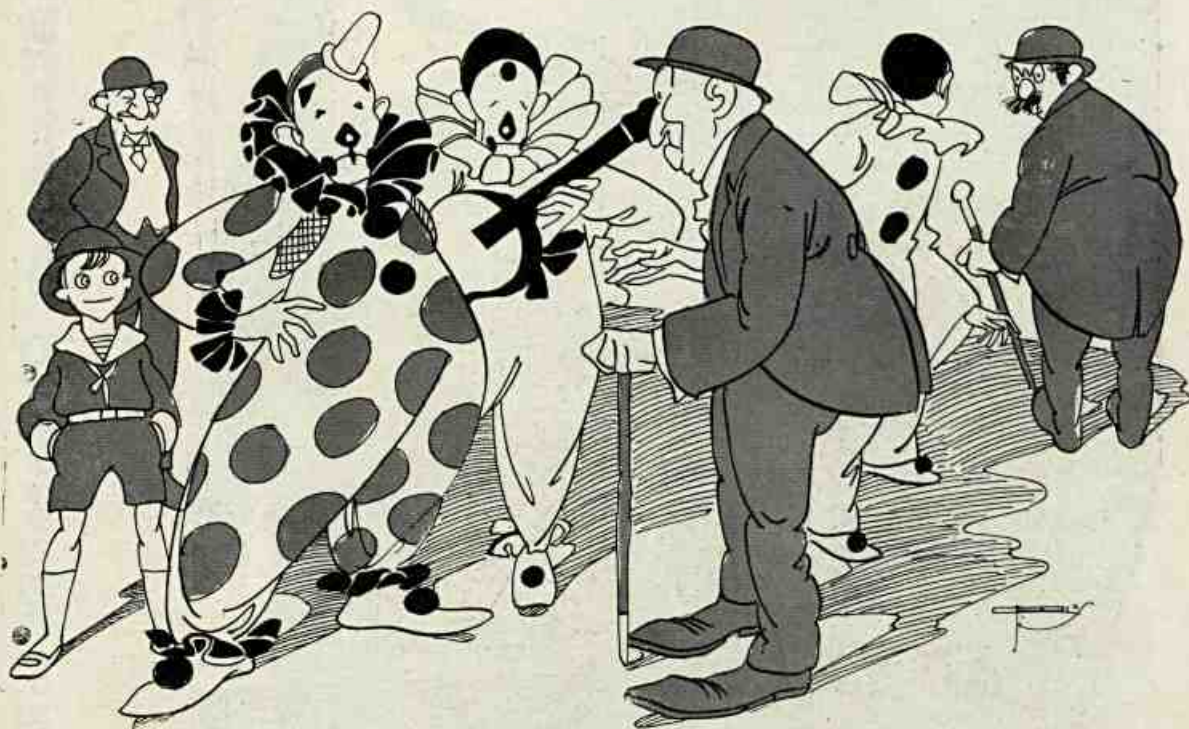
A Rainha Mãe

Ei-a com o rei na barriga
Magestade destronada
Deram-lhe o fora. Que espiga!
Hoje não vale mais nada.

Ufano de seu valor,
Por ser barão e almirante,
Fez-se eleger senador,
Pelo Estado Interessante.

Em seguida uma vistosa guarda de honra ostentando as insignias das Ordens da Rosa, Jarreteira, Banho, S. Nicolás, S. Jorge, S. Estevão, S. Francisco, S. Agripino, S. Thomé, etc.

Se o povo tivesse pennas
Eu depennaria o povo,
Como fez lá no Thesouro
O Colbert do Engenho Novo.

Vou fugir estes tres dias,
Vou para a ilha Francisca.
Levo Dudú e um baralho
Para jogarmos a bisca.

Quero ter muito dinheiro
Em nota, em predio, em metal,
Quero ser muito mais rico
Que o mano do marechal.

O facho da Civilisação ou O pharol do Juiz de fóra

Vereis depois todo o material do Corpo de Bombeiros cedido graciosamente pelo antigo ministro Uladisláo.

oo

La na roça onde morava,
Onde viu a luz da aurora,
De camisola elle andava.
— Sempre de Juiz Fóra!

Mas a sorte tudo muda,
E como elle tinha queda,
Perspicacia e vista aguda,
Virou... Chico Labareda.

oo

Esse carro será seguido por toda a banda da Guarda Nocturna.

Um jacaré desse tamanho

Depois uma afinada orchestra de assobios acompanhada a rufo de caixas.

oo

Eil-o altivo e soberano,
Assú, Quero-Quero eterno,
Manda chuva todo o anno,
Da Crise o avô paterno.

Poderoso, obedecido,
Quiz beber de um trago o Nilo.
Mas foi seguro e tolhido
Nas fauces de um crocodilo.

oo

E após uma vistosa centena de gallos depenados que entoarão o requebrado lundu :

"O caboclo se encaixa em Ingá"

O pessoal do tamanco,
Por uma velha mania,
Com rigor e economia
Guarda dinheiro no banco.

Por amor á realeza,
Quando chega o Carnaval
Passa a ter sangue real.
E' Rei, Rainha ou princeza.

QUE APITO TOCA?

— Seu Aniceto, como passa seu bestunto,
Vive bem? Come presunto?
Ou só come bacalhão?
O que é que faz o meu amigo nessa idade,
Passeiando na cidade,
De gravata e balandrão?

Não é permittido o furto...
O arame ficou tão curto...

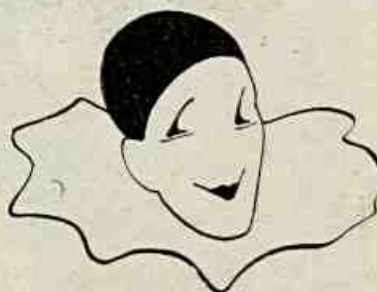
— A parasita quando pega na palmeira,
Na palmeira ou na Jaqueira
Onde canta o sabiá,
Deita raizes como eu deito, sem mysterio,
No famoso ministerio
Onde canta o Pandiá.

Não é permittido o furto...
O arame ficou tão curto...

Quando o vejo fico verde,
Fico branco, perco a voz,
Que azar me fez á vida
O Edwiges de Queiroz!

O Marechal e o Jangote
São dois valentes maráos
Aquelle foi az de copas
Mas este foi dois de páos.

O BURGUEZ PRATICO

A *fantasia* não ha de
Conquistar meu ser edoso.
Eu vivo na *realidade*
De meu paletot seboso.

A Justiça não dorme

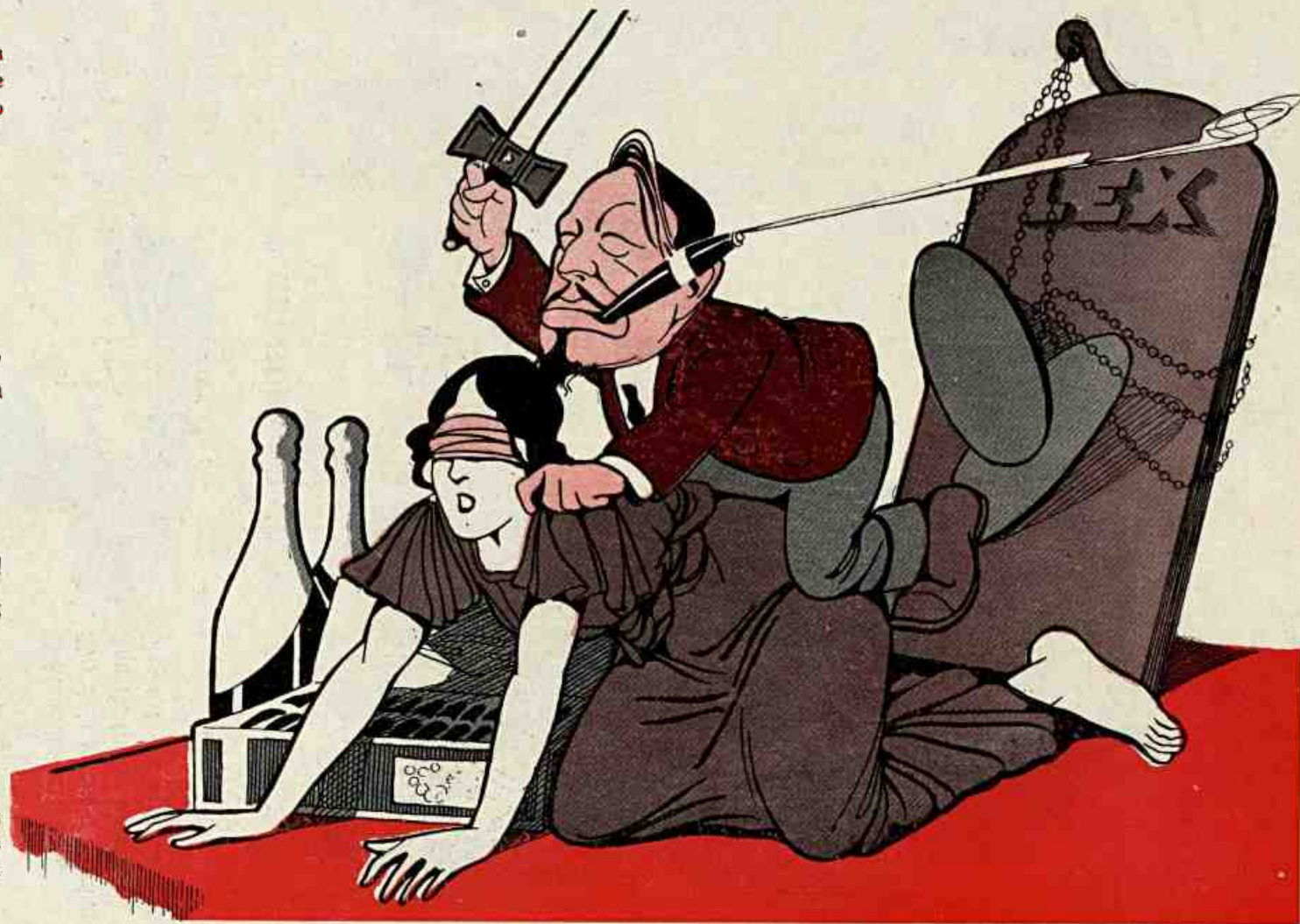
Em seguida uma numerosa guarda de honra composta de *charutos* trajados de accordo com figurinos adamicos.

oo

Como faltava energia,
O governo em boa hora,
Fez buscar no mesmo dia
Um outro *juiz de fóra*.

Esse, coitado, gostava
De corridas. Que regalo!
Mandou o decôro a fava;
Fez da Justiça cavallo.

oo

Escoltará esse carro uma grósa de formosas peccadoras representando bojudas garrafas de *champagne*.

No Chinello

Depois, o conhecido grupo dos *fitinhas* entoando em surdina um compungente "*miserere nobis.*"

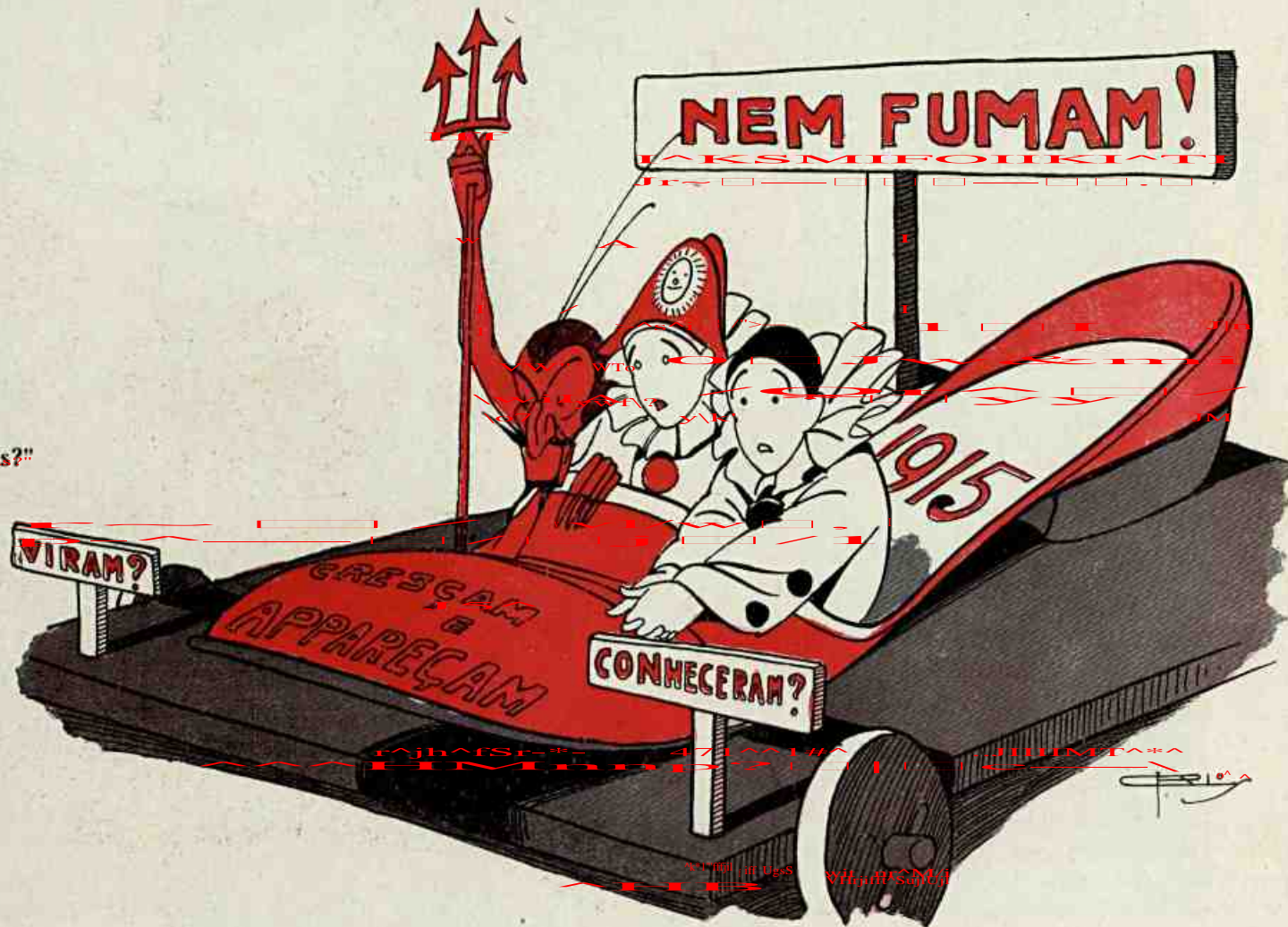
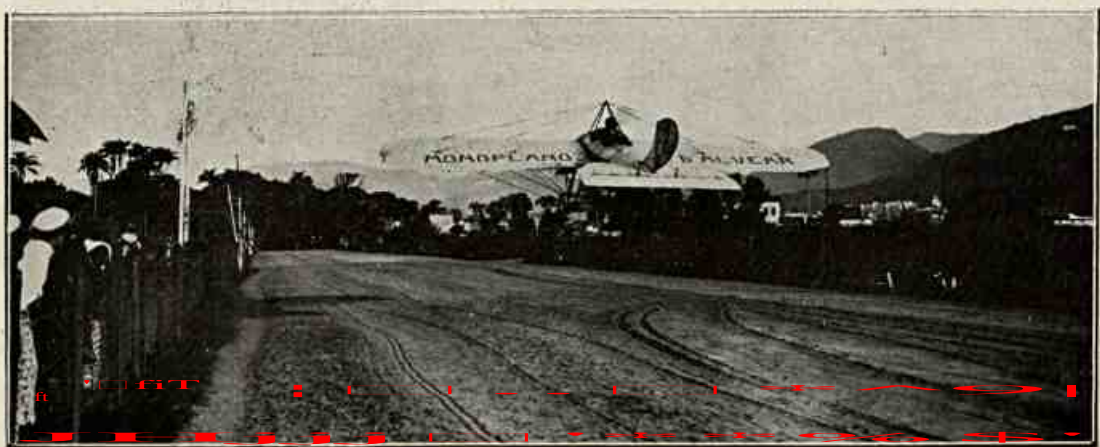
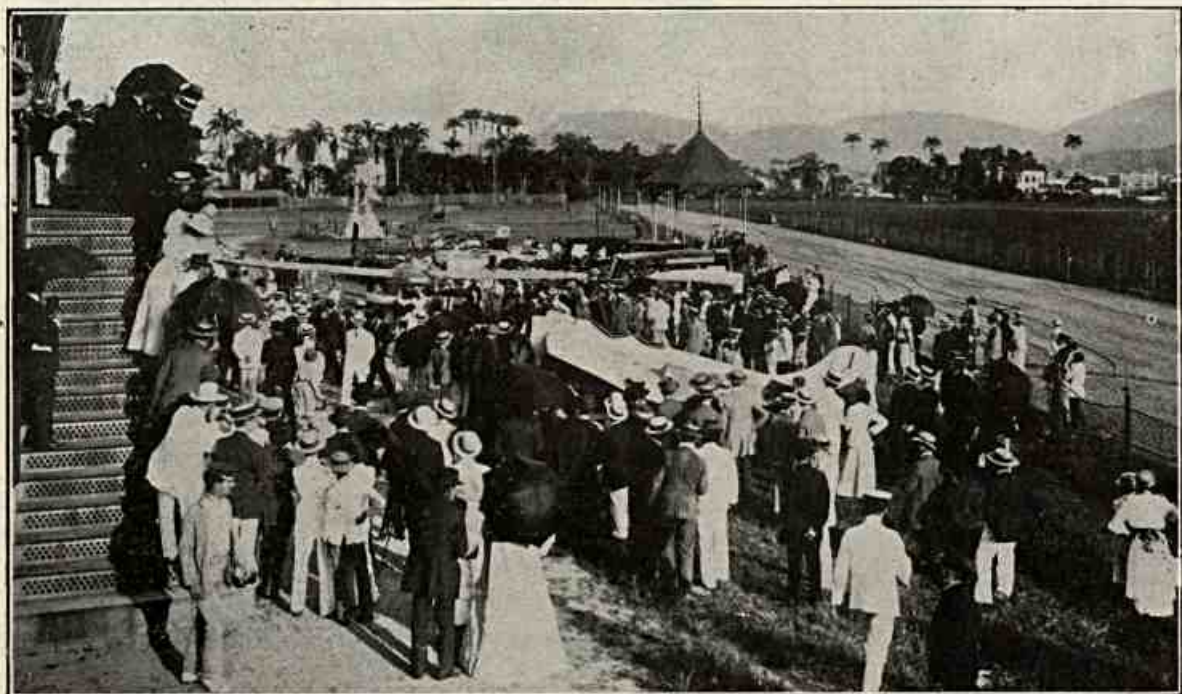
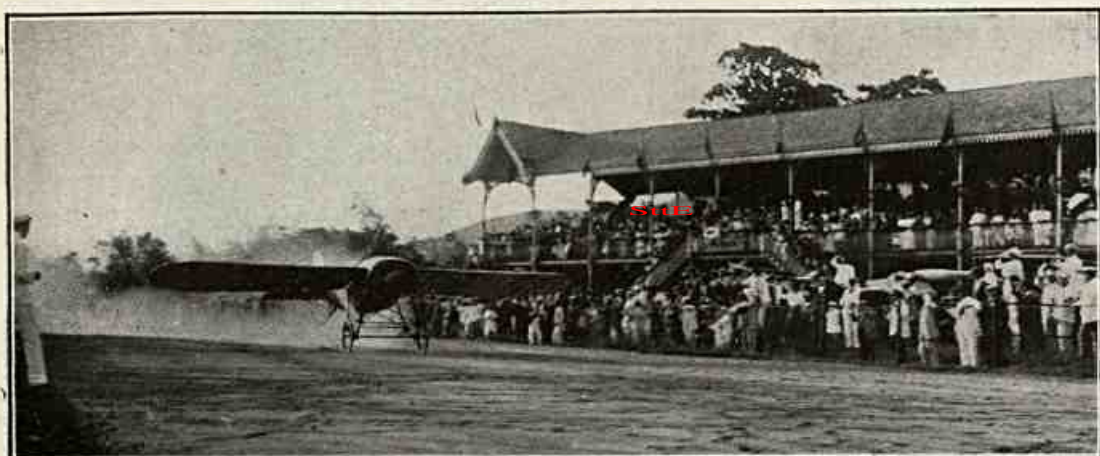
○○

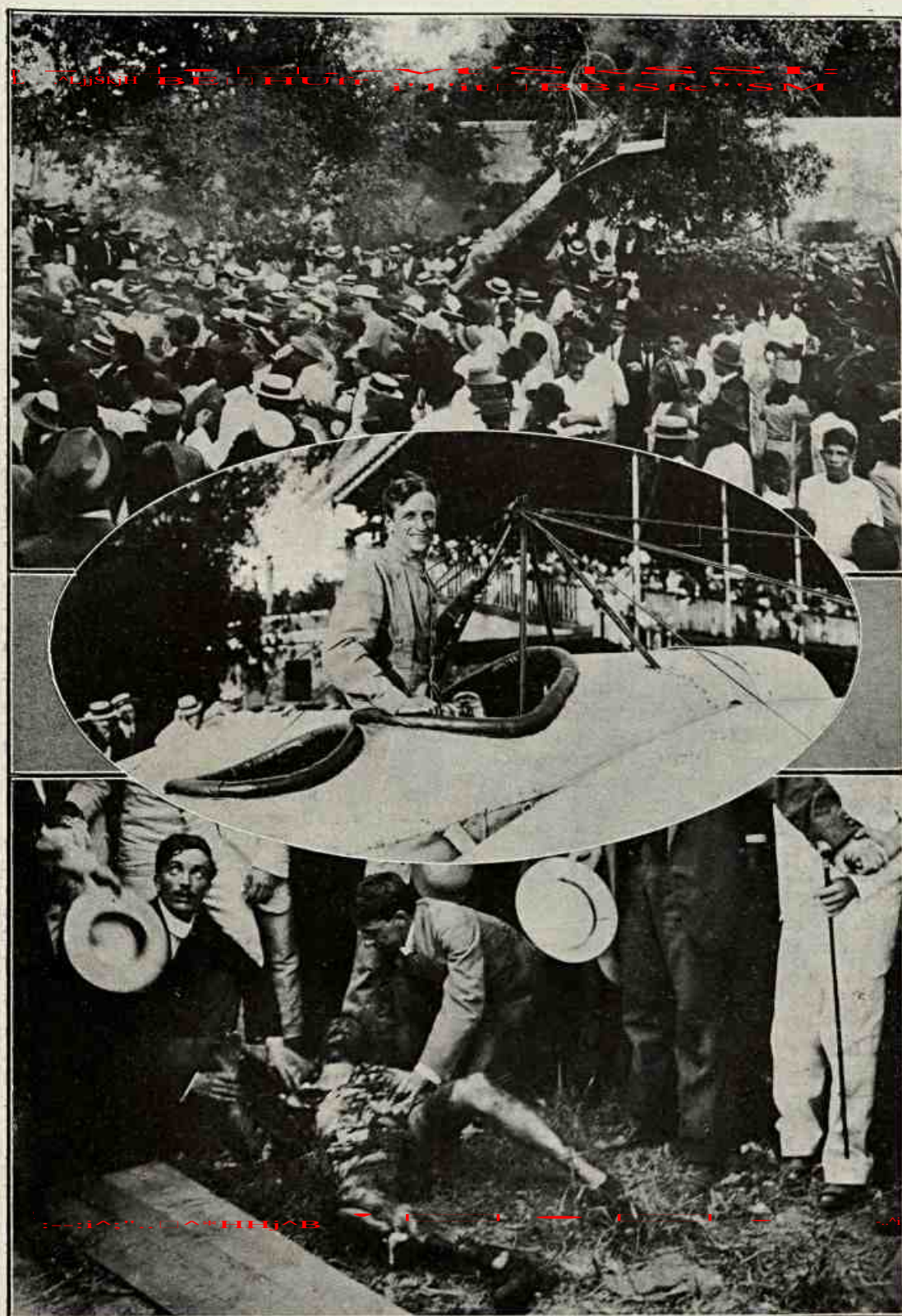
Eil-os dentro de um chinello,
Carapicús e Baetas,
Foi-se aquelle tempo bello
De vaccas gordas e tettas.

"Cadê" polleiros, castellos
E os taes "Pierrots das Cavernas?"
Eram sonhos amarellos,
Rodinhas, fogos, lanternas.

Dessa vez os vencedores
Fomos nós, ninguen contesta,
Agradecemos as flores,
Tanto riso e tanta festa.

□ □

E até 1916

O ultimo meeting de Aviação no Derby-Club, em que foi victima o arrojado aviador Caraggiolo

I — Ao largar. II — Aspecto da Pelouse do Derby-Club. III — O inicio do vôo

O ultimo meeting de Aviação no Derby-Club, em que foi victima o arrojado aviador Caraggiolo

Ao centro o aviador Garaggiolo agradecendo as ovações antes de partir. Ao alto o apparelho tombado sobre as arvores. Em baixo o corpo do infeliz aviador completamente carbonisado.

WENCESLAU:

Eu não receio o Gaúcho
Nem o ronco que elle tem.
O bezouro tambem ronca,
Vai-se vêr não é ninguem.

Pintô que pintou Pinheiro,
Pintô que pintou Teffé;
Quando foi pintá Dúdú
Cadê pincé?

A REPUBLICA:

O demonio do Pinheiro
Já não posso supportar;
Já tenho vinte e seis annos
E quero me emancipar.

Se o pobre Dúdú pudesse
Tornar-se mais comilão,
Certamente, certamente
Engoleria a nação.

SENSIBILIDADE EXTREMA

Até pouco tempo se viam no Rio, á tarde, innumeras pessoas, moços e velhos, com uma tira de tecido de lã enrolada ao pescoço. O nome desse apetrecho era *cache-nez*, talvez pelo motivo de que não occultava o nariz, mas o pescoço. Se o nome fosse realmente uma voz com que se dão a conhecer as pessoas e as cousas, como affirma a grammatica de Coruja, a denominação daquella peça da indumentoria tradicional devia ser *cache-cou*. O *cache-nez* era o preservativo contra os defluxos e resfriamentos, que foram sempre o terror do carioca. A Avenida supprimiu esse costume, muito razoavel na Scandinavia e no inverno europêo mas difficil de justificar-se em um clima torrido, em cujos invernos o thermometro nunca desce abaixo de 15 gráos.

Se o *cache-nez* foi destinado no Rio, acima da Serra elle reina absoluto. O provinciano que, ás seis horas da tarde, chega á porta da rua sem chapéo na cabeça e *cache-nez* no pescoço é considerado um imprudente, um ousado, um temerario.

Esse excesso de precauções explica a grande sensibilidade do provinciano ás variações atmosphericas. Diz-se de Fontenelle que era tão susceptivel aos golpes de ar que uma vez, estando de costas para uma janella, um amigo lhe disse, por gracejo, que ella se tinha aberto. Foi quanto bastou para que o velho literato immediatamente se constipasse.

Esse facto tem sido attribuido á ficção. Mas não é. Ou pode não ser. Conheço um caso mais interessante.

Havia na cidade de *** um escrivão do jury que tinha mais medo do frio do que do demonio. Nas suas perambulações á noite, que eram raras pelo terror do sereno, elle levava o *cache-nez* da praxe, o chapéo enterrado na cabeça até as orelhas, mais o sobretudo. Era a personificação da prudencia e da cautela.

Um dia de sessão do jury compareceu elle de sobretudo e mão no bolso, pedindo dispensa do serviço, porque não podia escrever.

— Porque? perguntou o juiz.

— Resfriei-me hontem; respondeu o escrivão.

— Mas não parece. Você não está endefluxado, nem com tosse.

— Não foi resfriamento do peito, mas da mão.

— Da mão? Como foi isso?

— Eu lhe digo. Como o sr. sabe eu uso o annel de alliança na mão direita. Hontem, ao lavar a mão o annel cahiu, e eu esqueci de enfial-o no dedo antes de sahir á rua. Foi quanto bastou para que o dedo constipasse e tomasse um rheumatismo. De modo que estou hoje impedido de escrever...

Esse caso é verdadeiro. Eu posso garantil-o. Não conheci esse escrivão, mas vi o annel, annos depois, em mãos de um parente.

P.

O burro seria por si mesmo, e para nós, o primeiro, o mais bello, o mais bem feito, o mais distincto dos animaes, se no mundo não houvesse cavallos. E' o segundo em logar de ser o primeiro, e só por isso parece não ser nada.

BUFFON

ENTRE FRADES

Um frade muito pobre encontrou, em viagem, n'uma hospedaria, outro frade de ordem differente, que tinha uma bolsa cheia de dinheiro, e não se poude conter sem fazer uma referencia escarninha ao estado de ambos:

— Irmão, nós dois reunidos podiamos dar um perfeito religioso.

— Explique-se, irmão.

— Vós fizestes vóto de pobreza, e eu observo-o.

Dois pensamentos que definem o homem:

Abram as portas á verdade e á mentira: é a mentira que ha de entrar primeiro.

NAPOLEÃO III

Quando eu pizei nesta terra
Taes vergonheiras eu fiz,
Que muita gente me disse
Que eu era como o João Luiz.

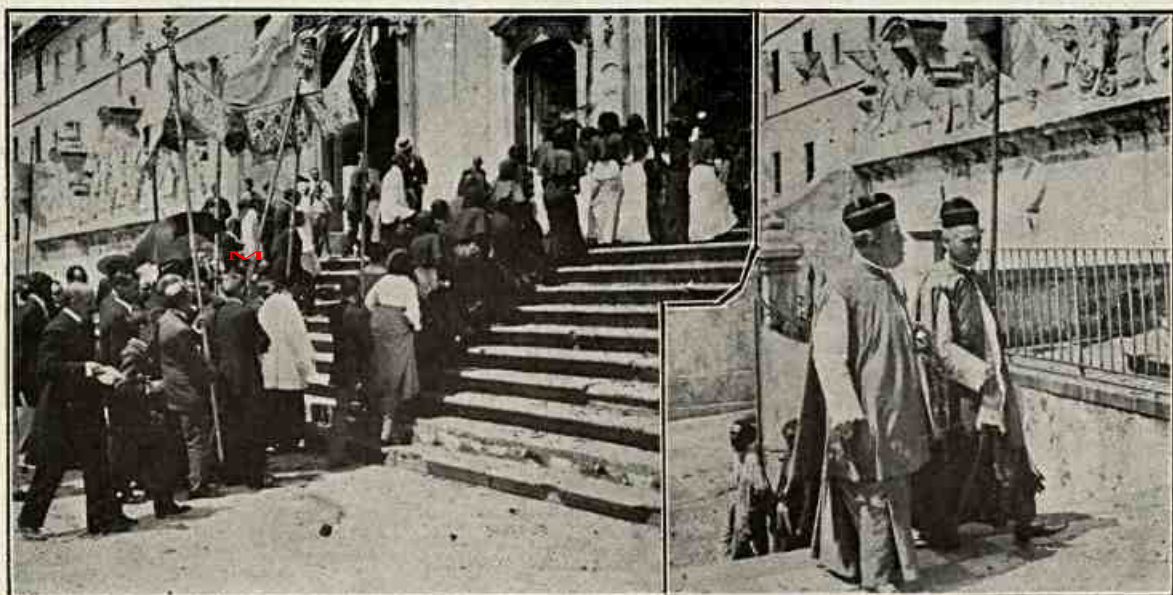
Camarão come-se assado,
Outros gostam delle crú;
Eu só o como torrado
Que é assim que usa o Dúdú.

Já bebi muito *champagne*
Hoje bebo agua do pote,
Que a crise chegou p'ra todos,
Só poupou Riva e Jangote.

Um caçador me enviou
Uma perdiz e um inhambú;
A perdiz estava podre,
Eu mandei-a p'ra o Dúdú.

Valladares azulou
Depressa como uma setta,
E com os bolsos recheiados;
Que o diga a verba secreta.

A corrupção marcha

— Si eu fosse Deus, um segundo,
Punha uma tampa no mundo...

3º Centenario do Convento de Santo Antonio

O humour de Wilson

O presidente dos Estados-Unidos Woodrow Wilson é um homem de bom humour e um humorista, cousas que sempre andam juntas. Em um jantar em Washington, falando-se de um estadista, disse o presidente:

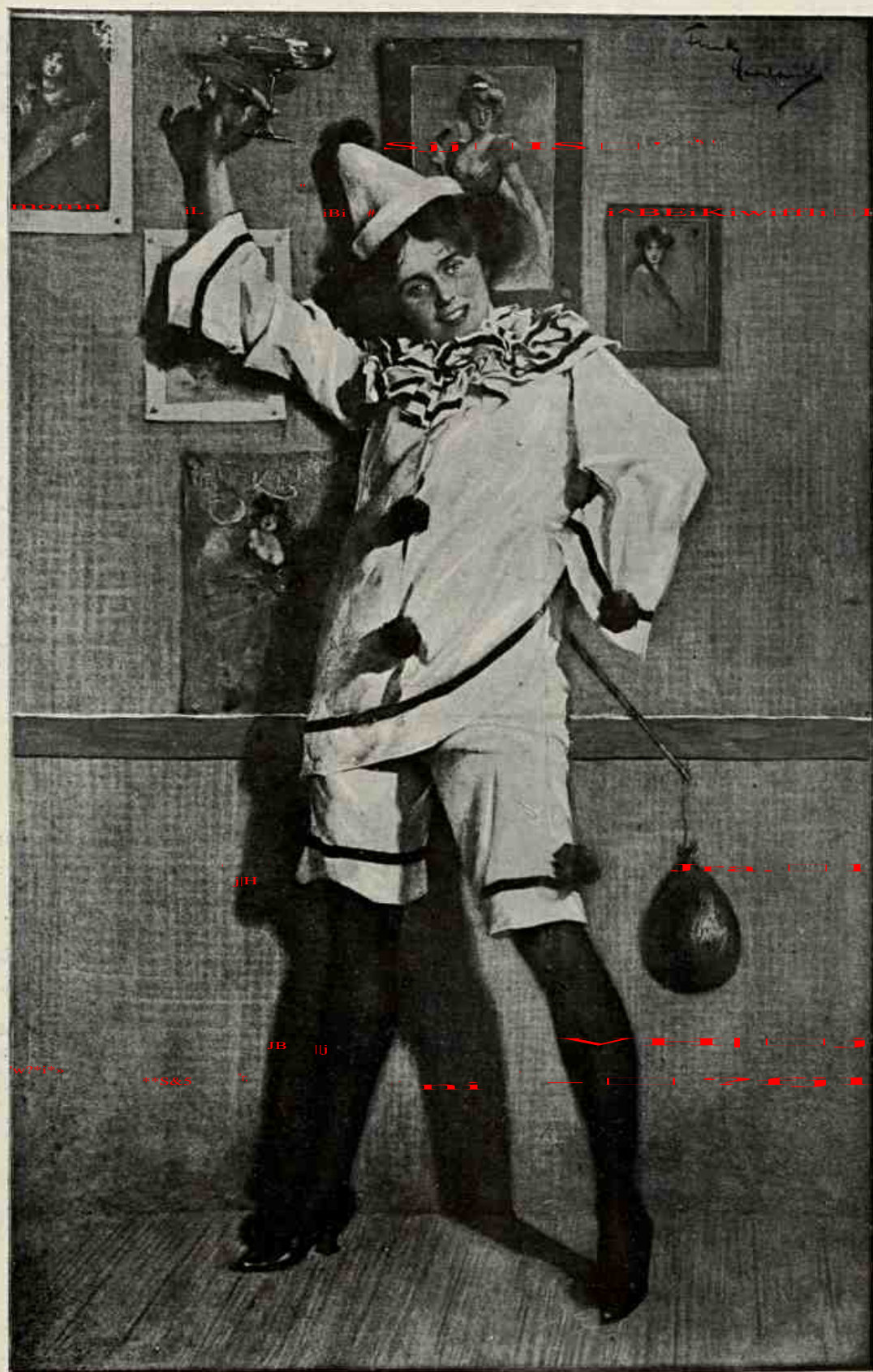
«Os seus algarismos são tão mecanicos que se fica inclinado a duvidar delles. Elle faz-me lembrar o velho quaker americano, plantador de canna nas ilhas Hawaii o qual, sendo visitado por um compatriota, levou-o á beira de um volcão e disse-lhe:

— «Esta cratéra que você está vendo, Jorge, tem justamente sete mil e onze annos.

— Sete mil e onze? Mas porque esses onze? — perguntou o amigo.

— Porque eu vim para estas ilhas ha onze annos, e quando aqui cheguei este vulcão tinha sete mil annos.»

X.

3º Centenario do Convento de Santo Antonio

VIVA O CARNAVAL!

E VIVA A CERVEJA CASCATINHA!

CONSELHOS PATERNOS

Um usurario que accumulou fortuna na honrada profissão de onzenario deixou ao seu filho e substituto em testamento os seguintes conselhos :

Meu filho, a honradez é a melhor politica» como dizia os inglezes. Se alguma pessoa perder uma moeda, um guarda-chuva, uma carteira e tu a achares, restitue ao dono. E' o melhor meio de adquirires fama de honrado. Um homem de bem não se apodera de um objecto, de uma carteira perdida, salvo se estiver cheia de dinheiro.

Quando alguem recorrer á tua bolsa, não procures abusar, e não cobres mais de 10 o/o de juro, ao mez. Pedir vinte por cento ao mez só é permittido quando o prestamista se achar em apuro e não tiver outra pessoa a quem recorrer.

Se quizeres dedicar-te ao commercio, e abrir um armazem, não pratiques fraudes que só se permittem as pessoas sem consciencia. Não mistures nunca pedras no feijão ou no arroz, para augmentar-lhes o peso. Esse artificio pode quebrar um dente do freguez e causar-lhe damno ao estomago. Só gente sem consciencia assim o faz. O que deves misturar aos grãos e cereaes são torrões de barro, que nenhum contratempo causam ao freguez.

Quando venderes assucar ou arroz de terceira a um freguez que não conheça a mercadoria, não digas que ella é de primeira qualidade, porque no commercio deve reinar boa fé. Dize apenas que é de segunda. E' quanto basta.

O testamento contem outros conselhos do mesmo teor. O filho já iniciou os seus negocios sob a base da honestidade, e dentro em poucos annos ouviremos falar delle rico e considerado.

X.

Morreu o rei da maromba,
O imperador do criterio.
Na lousa da sepultura
Um nome apenas : — Glicerio.

— Cadê-lo Rainha-Mãi ?
— Agua do monte o levou.
— Não foi agua, não foi nada
E' que o reinado acabou.

CALEMBOUR AERONAUTICO

O primeiro homem que fez um balão elevar-se na atmosphera foi o nosso padre Bartholomeu de Gusmão, o «padre voador». Descoberta a força ascencional de um globo cheio de ar quente, elle não tardou a aproveitar essa descoberta para tentar o antigo sonho dos homens, representado na lenda de Icaro. Assim foi o «padre voador» o primeiro homem que se elevou no espaço. Montgolfier que realisou as mesmas experiencias em França, em epoca posterior, ficou para os historiadores francezes, e seus copistas, com a gloria da descoberta. Mas dessa usurpação provavelmente involuntaria, porque não se sabe que Montgolfier conhecesse as experiencias do padre Gusmão, elle não gosou em paz, porque no seu proprio paiz teve invejosos, contestadores de rivaes. Um destes era o physico Charles, tambem autor de um globo que se elevava no ar, e que disputava o seu invento a Montgolfier. Os amigos deste tiraram do physico invejoso um desforço que fez muito successo na epoca. Fizeram uma caricatura representando o globo do physico Charles meio envolvido nas nuvens, e este embaixo, olhando por um oculo de alcance. A este desenho puzeram a legenda :

Carolus expectat

que em francez quer dizer :

Charles attend

e que se lê «charlatan».

Que grande distancia vai dos balões do «padre voador» ou dos Montgolfier ao «Zé Pelino» de hoje cujas proezas os pascacios se reunem em frente aos jornaes para commentar.

X.

A vaidade é o calcanhar de Achylles do genero humano. Todos a possuem, e os que dizem não a ter são os mais vaidosos.

CHATEAUBRIAND

Se os homens não sentissem a necessidade de se queixarem das suas amantes, os volumes de versos diminuiriam muito.

FRANÇOIS COPPÉE

VEM CÁ DÚDÚ

(*Musica do "Vem ca Bitú"*)

— Vem cá Dúdú !
Vem cá Dúdú !
Vem cá !

— Não vou lá não !
Não vou lá,
Não vou lá,
Não vou lá,
Tenho medo de *apanhá*.

⁂

Se o coiro do tal Pinheiro
Fosse esticado e curtido,
Ai ! que excellente pandeiro
P'ro funeral do "Partido" !

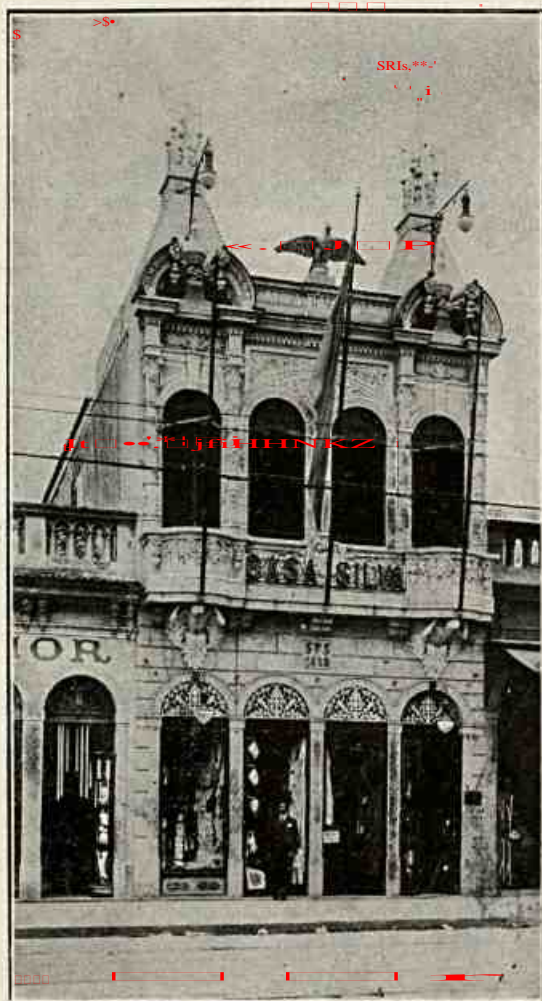
⁂

Morena de perna grossa,
Do braço grosso tambem,
Vae correndo, vae correndo,
Uladisláo ahi vem !

⁂

Rainha-Mãi diz que é pobre,
Que não tem nada de seu,
Só tem uma farda velha
Que o Alexandrino lhe deu.

ECONOMIAS

— Si a tanto me ajudar o engenho novo
Eu faço umas casinhas p'ra meu povo...

Tome nota: Os grandes armazens da "Casa Silva" estam neste predio, á rua Senador Euzebio, 154 Praça Onze de Junho. — Não esqueça.

Os Sabidos Triumpham

OS TOLOS NÃO SAHEM DÁ MISERIA

O Romeu é um cabra saráđo e como tal, é escrupuloso em tudo — até no seu Alfaiate. — Vive bem, veste-se ainda melhor. Vêde leitor o garbo d'elle, todo janóta, todo chic, e porque? Porque actualmente elle só faz a sua roupa na CASA SILVA, á praça 11 de Junho, onde o sugeito entra torto e sahe direito, bonito. A CASA SILVA tem de tudo e para todos e além de tudo, bom e barato.

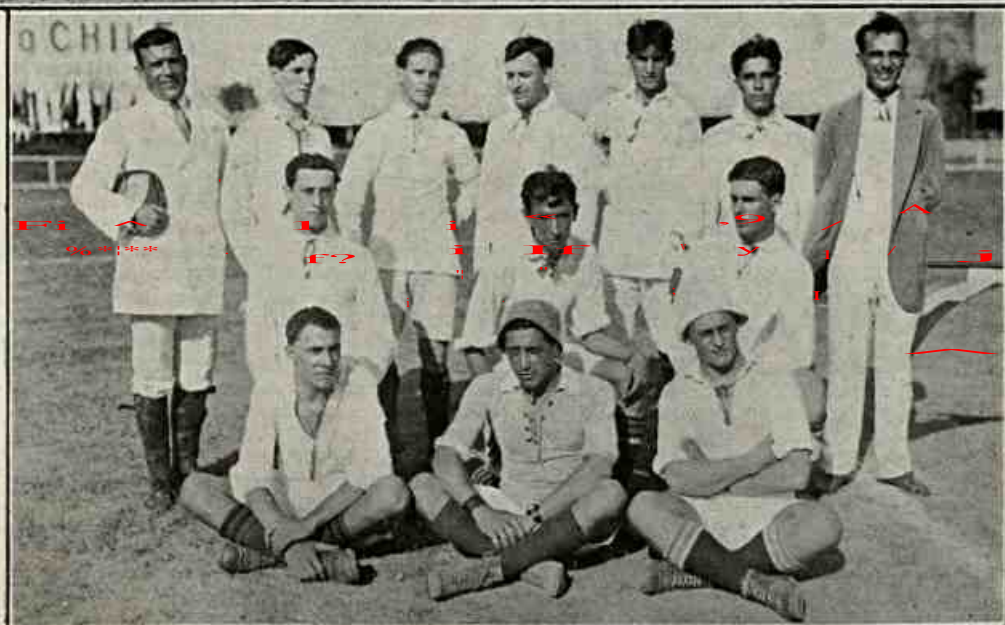
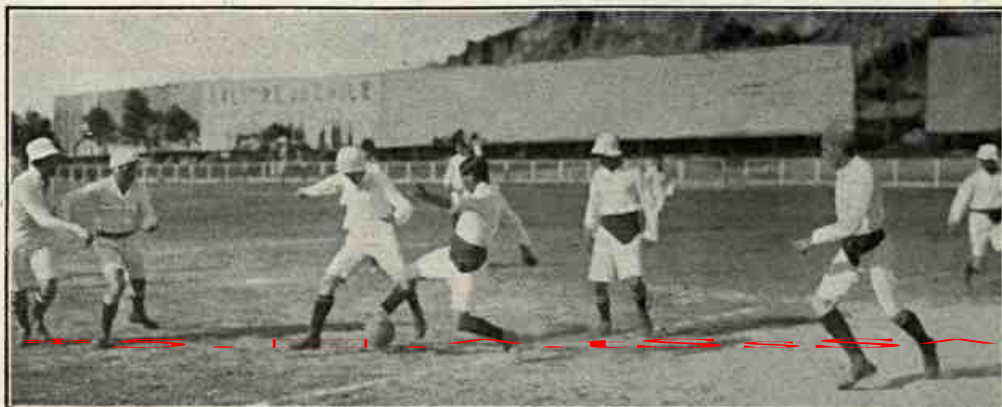
O Romeu ao sahir da CASA SILVA encontrou na rua o Pancracio.

PANCRACIO — Oh! Seu Romêo, como o Sr. hoje está bonito — todo janota — ?!!

ROMEU — Sahe d'ahi casmurro, quem manda tu seres burro, gastas tanto dinheiro e sempre vives routo, esfarrapado e sem vintem.

PANCRACIO — E' verdade seu Romêo o senhor tem toda a razão, mais onde foi que o senhor fez esta roupa tão chic ?!!!

ROMEU — Ora ainda perguntas, foi alli na CASA SILVA, não estás vendo aquelle predio alli na rua Senador Euzebio 154 — alli compra-se de tudo — roupas brancas — para cama e meza — camisaria e completo sortimento de artigos para homens, e como sábes eu sou sabido e por isso é que os sabidos triumpham, emquanto tú que és tolo não sahes da miseria.

FOOT-BALL

Team do Icarahy e Team do Boqueirão do Passeio, vencedor

A Giboia e a Gia

Quando o Macaco entrou nos salões de Mme. Gia já o baile havia começado. Entregou o chapéo ao criado, á porta, e foi apertar a mão da dona da casa.

Nessa noite elle estava no trinque: collarinho alto, gravata branca, collete de seda e casaca. Todos os annos, n'aquella epoca, Mme. Gia com um baile e um banquete festejava a entrada da estação das chuvas, a epoca em que as lagôas começavam a encher e os rios a engrossar.

Todos os bichos aquaticos, os amphibios, os pernaltas, haviam sido convidados. Lá estava o Sapo Cururú, grosso, inchado, com os olhos enormes pulando das orbitas; o Sapo Boi de braço dado á Jurará, a Tartuga immensa e vagarosa, esparramada numa cadeira; o Peixe Boi, movendo os labios grossos; a Piranha de blusa de seda vermelha; a Sucurujú cochilando a um canto, a fazer ainda a digestão do almoço; o Puraqué a dar por pilheria choques electricos nos camaradas; o Jacaré de *frack marron*, a conversar num canto da janella com Mlle. Gia; a Garça, linda, agil no seu admiravel vestido de gaze alvissima; o Surubim numa toilette malhada de negro e branco; o Socó, sempre tristonho e pensativo como na margem de um rio a espera de piabas, emfim todo aquelle povo para quem o inverno era a grande estação das alegrias e do conforto.

Numa saleta tocava uma orchestra de Sericoras — as annunciadoras das chuvas.

O Macaco sentiu-se mal logo á entrada. Aquella sociedade não era a sua. Sentia que nenhum d'aquelles convivas lhe viesse prestar as homenagens que esperava receber. Mas elle tinha necessidade de não sahir d'alli. Era o coração que o segurava. Ha mais de um anno que estava delirantemente apaixonado por Mlle. Gia. Vira-a uma manhã n'uma lagôa, no inverno passado. Ella estava a beira d'agua, brincando. Um raio de sol escapava pelo rendilhado do arvoredo e vinha illuminar lhe o lindo collo doirado e fresco.

O Macaco ficou doido. Nunca tinha encontrado uma creatura que lhe fizesse bater tão perdidamente o coração. Voltou outras manhãs á lagôa. Lá estava Mlle. a jogar *law tenis* com as companheiras de sua idade, risonha e estonteadora na sua graça de menina.

Procurou aproximar-se de Mme. Gia. Como ella tivesse para tratar no fôrum uns papeis do inventario do marido, o Macaco, que era advogado, foi tratar dos papeis. Estreitavam-se as relações. A' toda hora, com proposito ou sem proposito, o Macaco vinha ao palacio da Gia dar noticias da marcha da papelada. Foi assim que elle conheceu Mlle. na intimidade. Era encantadora, voluntariosa, de uma educação bizarra e moderna. Dizia-se á surdina que a sua mão estava promettida á Giboia. O Macaco nunca deu a entender que sabia da novidade. De uma feita chegou mesmo a sondar o espirito de Mme. Gia, a ver se ella lhe daria a filha em casamento. Mme. ou não entendeu ou fez que não entendia. O que é certo é que desconversou.

Mas o amor do Macaco inflamava-se dia a dia. Era preciso uma solução para o caso! Era preciso pedir abertamente a moça!

Naquella noite estava decidido a isso. Vestira-se assim a rigor porque o caso requeria solemnidade e luxo.

Mas a coragem lhe faltava. Tinha receio de um *não* pela prôa.

Mme Gia fel-o sentar-se ao seu lado.

O Macaco para firmar comsigo mesmo o compromisso de não recuar, disse a Mme:

— Tenho um caso muito importante a tratar com V. Exa.

— Agora?

— Não, mais tarde.

Nisto chegou Mlle. Gia. Ao ver o advogado teve um *ah* de surpreza agradavel, e estendeu-lhe a mão.

— Como o senhor está lindo, disse.

O Macaco ficou inchado, perguntando;

— Acha?

— Todo mundo dirá a mesma cousa, sorriu Mlle. gentilmente.

— São bondades suas, replicou.

As Sericoras começavam uma valsa.

O advogado foi estendendo o braço para Mlle.

Ella recusou delicadamente:

— Queira desculpar-me. Já estou tirada pelo Jacaré.

II

Mme. Gia andava pelos salões chamando os convidados para a meza.

O Macaco estava com as mãos friissimas. Era ao estourar do *champagne*, no momento dos brindes, que elle determinara pedir Mlle. em casamento.

Os salões esvasiaram-se. A grande sala de jantar encheu-se. Mme. Gia, por deferencia ao seu advogado, poz o Macaco a sua direita.

Começou o banquete. O Macaco não podia comer: ora era a exquesitice dos pratos que lhe tirava o appetite, ora a emoção do pedido que ia fazer.

Ao *champagne* levantou-se o Sapo. Antes que se fizesse o brinde de honra queria elle erguer as saudações do ritual d'aquella festa aquatica. Levantava a sua taça em homenagem ás Sericoras, as infalliveis prophetisas das primeiras chuvas.

As taças tilintaram. As Sericoras cantaram o hymno ao inverno.

O macaco ergueu-se da cadeira, batendo as duas palmas classicas de quem vae discursar. Houve um sussurro. Que grande atrevido! Pois se aquella festa era dos aquaticos, dos pernaltas e dos amphibios! Que diabo ia dizer aquelle pelintra que não tinha a menor intimidade com a agua.

O Macaco gritou:

— Um momento de attenção, minhas gentis senhoras e meus conspicuos senhores.

Concertou a gravata, passou o lenço pela bocca, pigarreou e, voltando-se para a velha Gia, disse:

— Excellentissima matrona: ao trocar hoje á noite os primeiros cumprimentos com V. Exa., a V. Exa. affirmei que tinha um melindroso negocio de familia a falar.

E entrou a exaltar os altos dotes da Gia, a sua bondade nunca desmentida, a sua respeitabilidade que todo o Reino acatava, a sua educação fidalda e captivadora. Todas essas virtudes fizera com que, elle orador, fosse arrastado para o convivio de Mme., da mesma maneira (e tossiu para demorar o brilho da imagem) da mesma maneira que as Abelhas eram arrastadas para o mel das flores.

E por feliz hoje se dava, por venturoso hoje era tido porque vivia na intimidade acolhedora do convivio de Mme. Essa intimidade, porem, viera trazer para o seu coração um soffrimento incuravel.

Houve rumores de ponta a ponta da meza. Que grande desaforado! Gosava a intimidade e ainda dizia que ella o pusera doente!

O Macaco continuou:

— Um soffrimento incuravel, sim! E vou explicar-me.

E contou todo o seu amor, desde a primeira manhã em que vira Mlle., a brincar a beira da lagôa até

áquella noite em que a vehemencia da paixão o arrastara áquella festa.

— E' um amar sincero, immenso, poderoso o que de ha muito venho guardando por Mlle. Gia.

E voltando-se para Mme.

— E escolhi propositadamente a solemnidade desta festa para pedir a mão da filha de V. Ex.a

Mlle., deu um pulinho na cadeira:

— A minha mão? Quer casar-se commigo?

E soltou uma gargalhada.

O Macaco empertigou-se. Sim! Não seria elle digno do enlace.

Mme. Gia fez um gesto para a filha. Ia falar.

E falou. Começou por elogiar o Macaco, a sua intelligencia, a sua argucia, confessou os favores que lhe devia, a maneira prestimosa com que elle tratava dos seus papeis no forum. E era com pena, com immensa pena que se via obrigada a dar uma negativa ao pedido do illustre advogado.

Não lhe podia conceder a mão de sua filha, não que o Macaco não fosse digno della, mas porque a mão já havia sido promettida a outro.

O Macaco ia desmaiando, mas resistiu, e sorrindo, pediu desculpas a Mme.

O Sucuruja como que para apagar o incidente, levantou-se. Era o brinde de honra. E, de taça erguida, saudou a dona da casa, desejando que, para o bem de toda aquella sociedade alli reunida, o inverno fosse o mais rigoroso, o mais longo.

Ouviu-se a orchestra das Sericoras cantando novos hymnos.

Vieram todos para os salões de baile. O Macaco encostado dolorosamente a uma porta estava a desejar que a terra se abrisse para que elle escondesse a sua vergonha e o seu despeito.

Mlle. Gia passou pelo braço do Jacaré.

Elle ouviu-a dizer claramente, zombando:

— Um bichinho que vive a fazer caretas.

III

O Macaco retirou-se do baile de Gia sem que ninguem desse por isso. E veiu andando pela rua tristonho, sem rumo. Era a maior vergonha que tinha soffrido na sua vida.

E roia-lhe por dentro um odio fumegante por todo aquelle povinho de brathrachios orgulhosos. Havia de acabar com a raça. Pois ser recusado assim como qualquer sujeitinho de meia tigella, elle que tinha o nome no mundo forense, elle que era tido como o mais brilhante advogado da cidade!

E foi andando, foi andando, despenteado pelo vento que lhe sacudia o cabello, agitando nervosamente a bengalinha no ar.

Quando deu por si estava defronte do sobrado da Giboia. Havia uma janella aberta e illuminada. Que felizarda a Giboia! Ia ter a ventura de ser em breve o esposo da Gia!

Mas porque cargas d'agua não fora a Giboia ao baile? Arrufo? Doença?

E de repente o Macaco deu uma palmada na testa. Havia encontrado um meio de acabar com a Gia.

E caminhou para a porta da Giboia. Bateu com a bengalinha. A Giboia poz a cabecinha no peitoril da janella:

— E' você, compadre? Espere ahi, suba. Vou mandar abrir a porta.

Quando o Macaco entrou no quarto da Giboia ella estava enroscada debaixo dos lençóes.

Elle explicou a sua visita.

— Passando por aqui vi a janella aberta e me pareceu ouvir gemido. Você está doente, comadre?

— Muito, muito. Parece que quebrei as costellas.

E contou. Estava a coxilar um pouquinho á sombra de uma arvore quando appareceu o Homem. Vinha armado de uma vara. Elle acordou-me com a pancada. Poude fugir, felizmente, senão aquella hora estaria no cemiterio.

— Mas fiquei bastante avariada, compadre. Dóe-me o corpo todo. Parece que estou de costella quebrada. Mas você está *chic* compadre! De onde veiu?

— Do baile de Mme. Gia.

A Giboia fez uns olhos tristes. Ah, não pudera ir, com aquella maldita doença que a prende no leito. Mandara, porem o seu telegramma.

— Que houve de novo por lá? perguntou.

— Nada, correu bem, respondeu o Macaco. Brevemente teremos outra festa, não é verdade?

— Outra festa? Não sei.

— Ouvi falar. A festa do casamento do compadre Jacaré.

— Vae casar-se?

O Macaco piscou um olho.

— Você não sabe. Você que é intimo da Gia.

— Palavra, não sei. Com quem?

— Com Mlle.

— Que Mlle., compadre?

— Mlle. Gia. Pois é coisa sabida. Elles hoje não se deixaram. Viviam agarradinhos pelos cantos dos salões, só dansaram juntos.

A Giboia desenroscou-se.

— Que é que você está dizendo? Isso é serio!

O Macaco fez-se serio. Palavra! E elle não estava a dizer nenhuma novidade. Era coisa sabida em toda a cidade. O Jacaré estava noivo de Mlle. Gia.

A Giboia retorcia-se desesperadamente.

— Então Mlle. passou a noite agarradinha com o Jacaré num canto dos salões? Então só dansavam juntos?!

— Perfeitamente. Que ha nisso de extraordinario?

— Ha muita coisa! exclamou a Giboia. Ha isto que, para mim, é muito serio. E' que eu sou noivo della. Ella me está promettida.

O Macaco desmanchou-se em desculpas. Elle não sabia. Se soubesse não teria contado.

— Perdão, perdão!

— E' tarde compadre, murmurou sombriamente a Giboia. Já agora fiquei sabendo tudo. E agradeço lhe a noticia. Ao menos fiquei sabendo da verdade. Se você soubesse do meu noivado não me contaria e, se me contasse eu poderia pensar que fosse intriga. As suas palavras tem um valor extraordinario.

E coruscando os olhos, toda retorcida de raiva:

— Mas fique você sabendo que me vingarei. Ah! isso não fica assim só!

O Macaco levantou-se da cadeira:

— Que vae você fazer, comadre! Dê o desprezo. O melhor nesta vida é a gente dar o desprezo.

— O que vou fazer? Você saberá. Dou-lhe a minha palavra, de hoje em diante não me fica viva raça de Gia. Hei de vingar-me. Você terá noticias.

* * *

E d'ahi por diante a Giboia foi ficar na beira dos lagos. Quando a Gia appareceu ella fitou-a e ella assustada por aquelle olhar, consciente da sua infidelidade no baile, ficou aterrada e foi se chegando, chegando até junto da Giboia a gritar um pedido de perdão. A Giboia foi implacavel — comeu-a. E assim comeu Mme. e foi comendo toda a familia.

Era uma vingança feroz, vingança que ainda hoje existe de pé.

Até hoje as Giboias comem as Gias.

(Da *Arca de Noé*). Viriato Corrêa

AS PRECES PARA CHUVA

Eu tenho armazenado na lembrança certos casos que não gosto de contar, porque muitos poderão suppor que são anedoctas, e eu não sou homem de inventar anedoctas. Não engano ninguem. Este caso que vou contar é veridico, e me occorreu á lembrança agora que este verão inclemente está crestando a terra e derretendo os miolos de tanta gente, que diariamente morre de insolação.

Por um verão como este, ha alguns annos atraz, eu me achava em Sant'Anna, sul de Minas. Uma tarde eu me achava na casa do vigario, em palestra. Fóra o sol queimava. O ar tremia com as ultimas evaporações do solo ressequido. Nesse momento appareceu na curva do caminho um grupo de cinco ou seis caipiras, e dirigiu-se para o nosso lado. O vigario que conhecia alguns delles, fel-os entrar e assentar-se e perguntou-lhes a que vinham. Depois de beberem agua, todos no mesmo copo, o que parecia ser o chefe da commissão tomou a palavra:

— Sr. vigario, nús viemos nos pegar com o sunhor para um favur.

— Pois não. Digam; respondeu o vigario.

— Não vê o senhor que se dá o seguinte. Nós estamos com as roças quasi perdidas. O pendão do milho está amarellando. O feijão está enferrujando. Se não chover esta semana lá se vão as nossas plantações. Assim nós viemos nos pegar com o sr. vigario para nos tirar desta afflicção.

— Como? De que modo? perguntou o vigario.

— Nós queriamos que o sr. vigario fizesse preces, pedindo chuva, porque estamos certos de que Deus nos havia de ajudar.

O vigario, contrahindo a custo o rosto para não rir, disse-lhe com bondade:

— Pois não! Eu vou fazer as preces. Mas vocês são de outra freguezia. Aqui na minha tem chovido, mas é o mesmo. Vocês já pediram ao seu vigario para fazer preces?

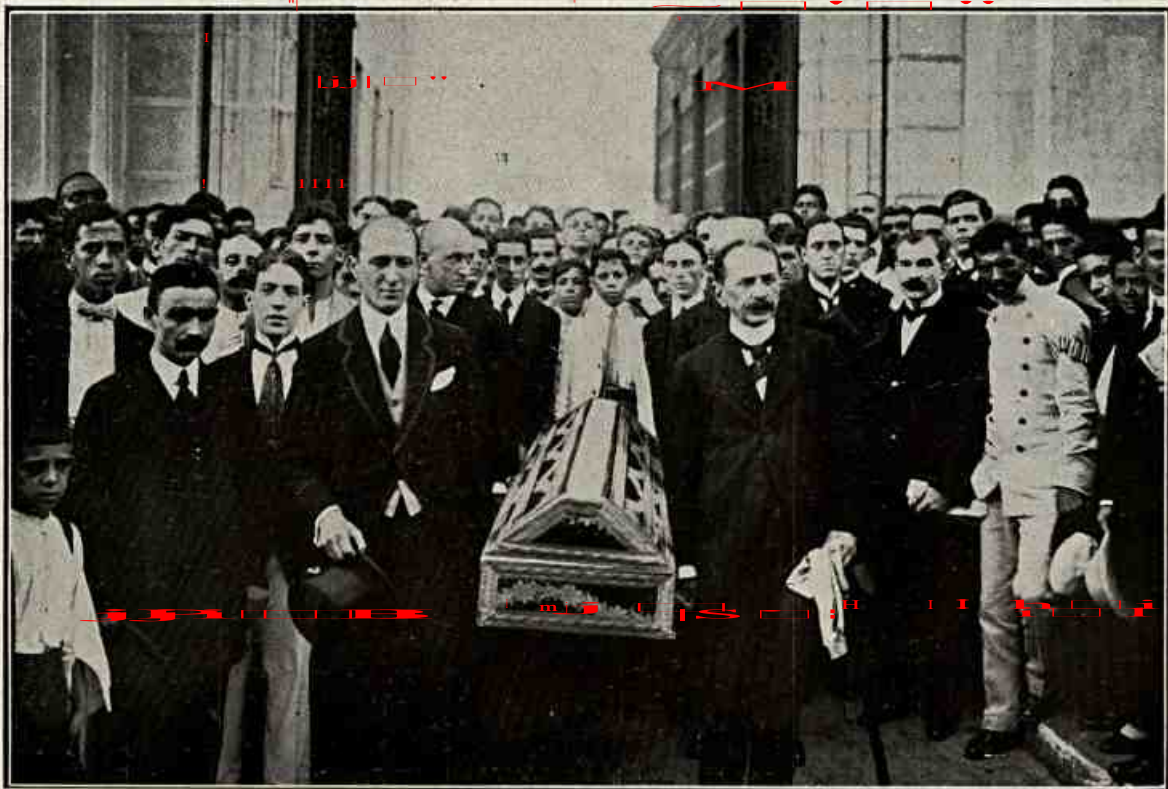
— Nós.... nós... disse o caipira titubeando. Nós... não senhor.

— Como é isso? perguntou o padre extranhando. Vocês é que estão soffrendo a secca, deviam pedir ao seu vigario que intercedesse por chuva, junto aos santos. Em vez de pedirem ao seu parocho, vêm pedir a mim, que sou vigario de outra freguezia, onde não ha falta de chuva. Porque isso?

O caipira consultou os companheiros com os olhos, e depois de trocarem olhares de hesitação, disse:

— Eu explico. O nosso vigario é um homem muito bom, muito santo; mas o sr. sabe, cada um tem seus negocios. O nosso vigario tem uma olaria, e está com tres milheiros de telhas ao sol, para seccar. Se vier chuva, é um prejuizo para elle. Elle não ha de querer. Por isso nós viemos nos pegar cá com o senhor.

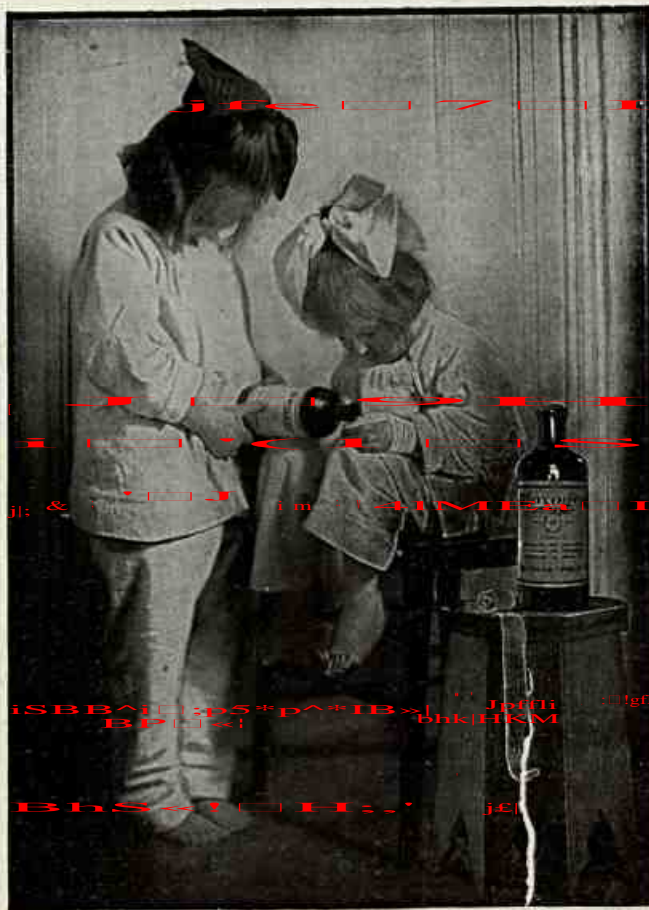
P.

Tragedia Garaggiolo

Enterro do aviador Garaggiolo sahindo do Necroterio.

Dioxogen

A melhor agua oxygenada

ENSINAI O SEU USO AOS VOSSOS FILHOS

Cura feridas, cortes e erupções de pelle das crianças.

Poderoso desinfectante absolutamente inoffensivo. Sem rival para a hygiene da bocca!

O DIOXOGEN DEVE EXISTIR EM TODA CASA

UNICOS AGENTES PARA O BRAZIL

Paul J. Christoph Co.

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

Feijoada completa

(ECHOS DA CRISE — A CARESTIA DA VIDA)

Sete horas da noite. O grande restaurante junto da reunião da élite social resplandecia de luzes, flores, cavalheiros smarts rigorosamente encasacados, damas do grand-monde, do petit-monde, do demi-monde. (*Le demi-monde marche — affirmou Peladan*), pratarias, crystaes...

Os creados escanhoados como diplomatas, o guardanapo alvissimo ao braço, curvavam-se em mesureiras reverencias offerecendo o vinho ou mudando os pratos.

Foi quando elle entrou.

Elle vestia como os demais; não trazia lá custosas joias, nem se distinguia dos demais freguezes por qualquer cousa particular.

Elle era como todos os outros — o freguez.

Não ha nada para nivelar tanto como a caixa do restaurante. Perante ella todos são iguaes, mais do que perante a Lei.

Por isso o patrão, do seu balcão elavado ao lado da registradora, mal lhe atirou um olhar indifferente. Era um freguez, so um freguez, nada mais que um freguez, igual em tudo aos outros freguezes, comendo as mesmas cousas que os outros freguezes...

Elle entrou, circulou os olhares procurando uma mezinha vaga; encontrou-a. Deixou no vestiario o seu *pardessu*, com gola de astrakan, a cartolla desprovida de brilho com uma fita da largura de 4 dedos (ultimo modelo para a grande guerra) e a bengala de micornio com castão de ouro fosco tambem. Lavou as mãos como toda a gente, cuidadosamente, vagarosamente. Sentou-se por fim e com um geito enfastiado proprio aos habitués dos restaurantes de luxo, percorreu a lista que o garçon entre 16 1/2 mesuras lhe apresentara respeitosamente.

— Sopa? Sim, um caldo... Não, não, uma *Consommée*.

Tomou a sopa. Depois percorreu com ar ainda enfastiado a lista de novo.

Peixe? Não. Estou enjoado de peixe. Galantine? Tambem não quero. Caviar? Sim, caviar... Não, não, pensando melhor, não quero caviar... *Foie-gras?* Tambem não quero *foie-gras*. Queria um prato bom, especial, uma cousa rara, embora cara.

Você não terá nada disso?

O criado circumvagou os olhares pelas paredes, pelo tecto, pelos moveis, pelo soalho como a procurar esse prato raro.

Olhou de novo para a lista:

— Olhe esse veado da Nova Islandia.

— Qual veado da Nova Islandia? Não quero veado da Nova Islandia.

— Perdizes de Montevidéo?

— Não quero perdizes de Montevidéo.

— Temos lá dentro, para amanhã uma perna de Javaly chegada no frigorifico. Pode-se arranjar um bocado.

— Javaly — Qual Javaly. Isso são pratos que eu já vou aborrecendo a força de repetil-os. Quero uma coisa que me traga ao paladar uma sensação nova, uma sensação rara...

— Então aqui tem espargos allemães. O senhor sabe com a guerra, são rarissimos.

— Estou farto de espargos.

— Então não sei. Realmente não sei...

O freguez olhou para a lista outra vez, cada vez mais enfastiado. De repente firmou melhor a vista, approximou dos olhos o *menu* como que para certificar-se e depois energico, resoluto, bradou:

— Traga-me uma feijoada completa!

***

Ouvindo o pedido o garçon recuou tres passos assombrados. Ouvira bem? Approximou-se, hesitante:

— O que foi que o sr. pediu?

— Uma feijoada completa, homem. Você é surdo?

O creado coçou a cabeça. Examinou mais attentamente o freguez, chegou mesmo a roçar-lhe os dedos pelo panno da casaca para verificar a fazenda. Hesitou ainda um instante.

— E então?

— E' que... sim, o senhor sabe... a feijoada...

— Já acabou?

— Acabou? Oh! Senhor! murmurou o garçon assombrado. Se ainda nem principiou.

— Pois então traga-a já, que estou com pressa.

— Mas o senhor quer mesmo uma feijoada?

— Hom'essa agora! Já lhe disse que trouxesse; parece-me que não ha necessidade de pedir por meio de requerimento.

— E' que...

Hesitou um instante ainda. Depois foi resolutamente até a caixa.

— Patrão

— Que é?

— E' que um freguez pediu feijoada completa.

O patrão deu um pulo sobre o banco, de olhos arregalados.

— Você está sonhando, rapaz.

— Não senhor. E' aquelle moço da terceira meza, ao pé do espelho.

— Uma feijoada completa! E você conhece-o?

— Nunca o vi por cá. Mas elle veste boas roupas.

— Isso é o menos. Ha muita gente que veste boas roupas e no bolso não tem um tostão. Vou falar com elle.

O patrão aproximou-se do freguez da terceira mesa ao pé do espelho, com a face rasgada por um sorriso profissional.

— O cavalheiro deseja mesmo uma feijoada completa?

— Sim senhor. Já a pedi, creio que uma duzia de vezes. Ha algum impedimento dirimente ou mesmo indirimente que me prive da satisfação desse desejo?

— Não é isso. Mas o senhor comprehende... uma feijoada hoje... Sim, actualmente...

O freguez impacientou-se:

— Já sei. O senhor quer saber se eu tenho meios de pagar a despeza, não é assim?

Puxou de uma carteira uma nota de 500$ e passou-a ao dono do restaurante.

— Aqui tem. Mande trazer a feijoada.

— Pois não meu principe, sr. marquez, sr. barão. E' para já.

Correu á cosinha elle mesmo e voltou dahi a pouco com uma minuscula panella de barro, cober-

ta, sobre uma salva de prata que elle quasi liturgicamente transportava, em frente ao nariz, a sorver-lhe o aroma. Collocou-a em frente ao freguez, e destapou-a; depois em voz alta, de forma a fazer-se ouvido pelos visinhos:

— Este feijão é da colheita de 1912. Tenho um sacco guardado no cofre do escriptorio, para freguezes como o senhor.

Das mesas visinhas começou toda a gente a mirar o senhor que comia feijão em 1915. Correu celere a noticia pelas outras mezas. Todos se voltavam; todos olhavam. Alguns mais curiosos levantaram-se, fizeram roda.

Com infinitas precauções com uma concha de prata lavrada, o patrão retirava da panella, depositando no prato do freguez os grãos negros boiando num caldo acastanhado. As narinas de toda a gente dilatavam-se aspirando o odor do extranho prato. Quem seria aquelle sujeito que comia feijão? Com certeza algum dos Rotschild que viajava incongnito.

E o patrão era chamado, aqui, era chamado ali, soffria indagações, perguntas sobre perguntas.

— Quem é? Não sei, palavra de honra, mas creio tratar-se de algum dos filhos do Kaiser.

E por todo o brilhante restaurante a rumorosa conversa girava em torno do extranho freguez que empanturrava-se com o opiparo prato tão fora do alcance das bolsas vulgares dos nossos ridiculos capitalistas...

* * *

No dia seguinte lia-se no «Monoculo» a brilhante secção mundana em que na *Folha das Noticias*, pontificava o joven Santo de Parvonia: «Hontem pela primeira vez, este anno, na esplendida sala de refeições do *Restaurant délice dos Parvenus* um grande fidalgo europeu cujo nome calamos discretamente por conveniencias da alta diplomacia, engurgitou uma feijoada completa! Uma feijoada completa! Imaginem os nossos elegantes leitores! Pasmem as nossas formosas leitoras. Uma feijoada completa! Essa ambrosia jupiteriana que aliás só é encontrada naquelle afamado estabelecimento cujos accepipes regalam-nos as visceras, foi consumida á vista de uma numerosissima e selectissima assembléa! Foi não ha duvida o maior acontecimento mundano da presente estação. Parabens ao sr. Carvalho, proprietario do conhecido restaurant e cavalheiro muito relacionado em nossa alta sociedade de que é um dos ornamentos».

X Y Z

La vem o typo casmurro,
Pela rua andando a esmo;
Vem mascarado de burro,
Mascarado de si mesmo!

Quando eu vim da minha terra
Trouxe cobre no bahú,
Mas se foi o cobre todo
No reinado do Dudú.

Sabino, o rei dos magros
Só tem osso, só tem couro,
Por não gostar de fartura
Administra o Thesouro.

UM DOUTOR

Eu conheci o Prospero em S. Paulo, já careca, já desdentado, com o peito fundo, de tisico.

O Prospero, que era preto, retinto, tambem se assignava : — François Prosper d'Olivier.

Fôra criado com mimo.

O pai tinha uma pensão em Campinas e logo cedo matriculou o filho no primeiro grupo escolar e depois no Gymnasio, cujo curso elle não poude levar de vencida.

Nas horas vagas, entre duas declinações de latim, o filho fazia a summarissima escripturação da casa, tirava as contas, esmagava os fornecedores com todo o peso da sua sapiencia, limpando o pince-nez e atirando para o pai, baboso e ufano, sorrisos de immensa superioridade.

De uma feita, lembrou-se de saudar Coelho Netto no dia do anniversario do grande escriptor, então lente do Gymnasio de Campinas, e lá sahiu-se com esta :

Ao preclaro Mestre Coelho Netto, Francisco Prospero d'Oliveira sauda com pruridos !

Era immenso !

Vimos uma vez uma conta engraçadissima, obra do Prospero.

A conta apresentada era de Rs. 20$000, mas, como o freguez reclamasse, houve por bem o Prospero fazer-lhe o abatimento.

Tirou a conta assim :

O Snr. Fulano de tal deve . .	Rs.	20$000
Prostração da sua conta . . .	«	5$000
Total . . .	Rs.	15$000

Interpellei o Prospero sobre aquella extraordinaria «prostração» da conta, mas elle, muito lisamente, acertando o pince-nez doutoral no nariz de manipanço, explicou-me :

— Você comprehende, eu faço um curso de Gymnasio, tenho idéas e planos vastissimos nas circumvoluções cerebraes e não me fica bem estar escrevendo como qualquer gallego de botequim, «abatimento da sua conta»! Abatimento da sua conta! Fui logo buscar o synonimo castiço, o synonimo do qual se pode dizer como Shakespeare :

«The right man in the right place» !

θ.

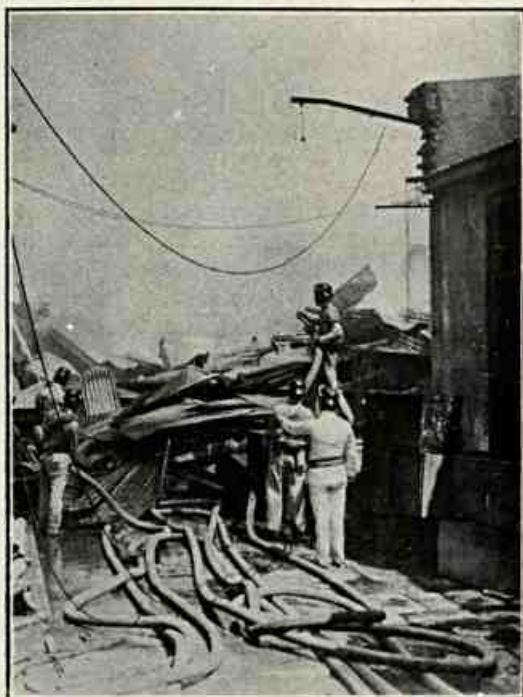
Vox populi Vox Dei

RUA 7 DE SETEMBRO, 186

RIO DE JANEIRO

O incendio da Serraria S. José

Na segunda-feira passada manifestou-se um pavoroso incendio em uma serraria situada á rua Evaristo da Veiga. A grande fogueira, que chegou a proporções assustadoras, ameaçou o grande quarteirão da rua Evaristo da Veiga, Marrecas, Passeio e Senador Dantas. O fogo, a despeito dos esforços do Corpo de Bombeiros, chegou a damnificar o Palace-Theatre, e a séde do Club dos Tenentes do Diabo esteve tambem prestes a ser devorada pelo terrivel elemento.

O Club dos Tenentes já é victima famosa desses sinistros. Todavia escapou desta vez, para regosijo de seus socios e da população carioca que espera anciosa pelos Pierrots da Caverna na terça-feira gorda.

Trabalho dos bombeiros na extincção do fogo

Fachada da Serraria S. José, onde se deu o incendio.

PERICIA DE INCENDIO

Os latinos tinham uma expressão : *Tot capita quot sententiae*, que em linguagem quer dizer : «tantas cabeças quantas sentenças» ou cada qual pensa a seu modo. Não ha rifão mais verdadeiro. Ha pouco tempo eu tive disso a prova flagrante.

O caso foi o seguinte. Houve um formidavel incendio na rua Mem de Sá. O predio era de dous andares. No segundo andar havia uma engommação de roupas. No primeiro os commodos eram alugados a estudantes e empregados do commercio. No pavimento terreo estava estabelecido um turco com um armazem de bugigangas que valiam cinco contos e estavam seguras por cincoenta. O delegado nomeou a mim e a um engenheiro arbitros para o exame dos escombros, com o encargo de verificarmos qual a causa do incendio, se casual ou proposital.

Mettemos mãos á obra e puzemo-nos a estudar o assumpto. Ao fim de muitas investigações, eu cheguei á convicção de que o incendio partira do segundo andar, e fôra causado pelas fagulhas que escapavam dos ferros de engommar. O meu collega discordou inteiramente e no seu laudo affirmou que a causa do fogo houvera sido um circuito no primeiro andar. Com laudos tão divergentes a policia ficou sem elementos para agir, e viu-se na necessidade de nomear um arbitro desempatador. Era um engenheiro muito experiente. Examinou com todo o cuidado os escombros, estudou as informações, leu o meu laudo, leu o laudo do meu collega, e decidiu que a causa do incendio fôra, sem a menor sombra de duvida — o turco do pavimento terreo.

P.

A minha vida ensinou-me que tenho muito a esquecer e muito de que me perdoarem.

BISMARCK

MODELO N.º 21588

Branco ou Rosa

Casa Sloper

"ELEGANCIA E CONFORTO"

Alcança-se com o uso dos nossos jamais conhecidos colletes Norte Americanos.

Acabamos de receber nova a bem sortida remessa e mandamos a todos que o tempo impede de nos fazer uma visita, o Catalogo Geral dos nossos colletes.

Peçam pelo Correio ou por Telephone

A gravura ao lado representa a nossa cinta, a qual é a perfeição em conforto para uso em casa.

Manda-se qualquer collete pelo Correio, por mais 1$000

Preço . . . . 18$000

Rio de Janeiro
187, Ouvidor, 189

São Paulo
26, Rua Direita, 26

Anthologia

Em geral, a palavra anthologia significa uma collecção, em qualquer lingua, de trechos em verso ou prosa; particularmente emprega-se para designar collecções de epigrammas gregos.

A primeira anthologia grega foi composta cem annos antes de Christo por Meleagro, natural de Gadora, na Syria, que deu a essa colleção o titulo de *Stephanos* (côroa ou grinalda).

Em um poema pequeno, com que a prefacia, compara cada poeta a uma flor: Amyto, por exemplo, ao lyrio, Sapho á rosa, etc. Todos os trechos eram arrancados ás obras de 46 auctores, dos melhores da antiguidade: Amyto, Myris, Sapho, Melanípedes, Simonides, Nossis, Rhiano, Erinno, Alcêo, Samillo, Leonidas, Menasalces, Pamphilo, Pamcrates, Tymnes, Nicias, Euphani, Damagetes, Callimaco, Euphorion, Hegesippo, Persco, Diotino, Menécrates, Nicœnetes, Phaenno, Simmias, Parthenes, Bacchylido, Anacreonte, Anthemio, Archilocho, Alexandre o Eolio, Polycleto, Polystrates, Antipater, Posidippo, Hédylo, Sicelides, Platão, o Grande, Arato, Cheremon, Phedimo, Antagoras, Theodorido e Phanias.

Quasi dois seculos depois de Meleagro, fez o poeta Philippe de Macedonia outra anthologia tirada só de 14 poetas: Antigons, Antipater, Antiphano, Antiphito, Antomedonte, Biamor, Cynagoras, Diodoro, Eveno, Parménion, Philodemo, Hullio e Zonas.

Nos 6 seculos que decorreram desde Hesiodo até aos Ptolomeus, exgotára Meleagro todos os poetas. Colleccionar o que depois d'elle produziu a musa grega, foi tarefa de Philippe.

No reinado de Septimo Severo publicou Stratoude Sordes, sob o titulo de *Mousa padiké*, outra anthologia formada sómente pelos epigrammas relativos ao amor unixesual.

A quarta anthologia foi composta por Agathias, no seculo de Justiniano, e deu-lhe o titulo de *Kuclas*. Continha uma collecção de versos dos poetas que viveram nos primeiros cinco ou seis seculos da nossa era.

Perderam-se as anthologias de Meleagro, de Philippe e de Agathias, mas é de suppor que estejam em grande parte reduzidas nas duas anthologias posteriores, que existem ainda, uma de Constantino Céphalas, seculo X, e outra de Maximo Planudio, monge grego, que viveu quatro seculos depois. Esta foi pela primeira vez impressa em 1494, tendo sido salva por João Lascaris das ruinas de Constantinopla. O manuscripto do primeiro, muito superior e mais

MULHERES NERVOSAS

Quasi todas as mulheres — pelo menos noventa por cento — são nervosas. É por isso que todos os que elaboram tonicos, bons ou maus, annunciamn'os como "remedios para as senhoras," "alimentos nervinos," etc.

O que não sabem todas as mulheres e o que nenhuma deveria ignorar é isto: *o unico verdadeiro alimento nervino é o que se come*, dado que seja são e sobretudo, **que se digira.** Ha mais "alimento nervino" n'uma gramma de boa carne do que em cem toneladas de pilulas de ferro e demais "tonicos." O importante é digerir os alimentos, e isto é o que succede quando se tomam as

Pastilhas do Dr. Richards

por ser precisamente para isso que são elaboradas. As mulheres soffrentes dos nervos devem pôr ao lado os brometos, as pilulas de diversos nomes e côres e os suppostos tonicos, para adoptarem o tratamento racional de bons alimentos, ar livre, exercicio moderado e Pastilhas do Dr. Richards. Estas pastilhas não debilitam porquanto **não são purgantes**; não irritam porquanto não contém ingredientes mineraes; curam porquanto dão vigor aos nervos e saúde a todo o organismo.

Pese-se V. Sa. antes e depois de tomal-as.

As senhoras gravidas, especialmente nos ultimos periodos, necessitam frequentemente um bom laxativo. Nenhum é melhor do que os **Laxoconfeitos do Dr. Richards. PROVE-OS!**

DR. RICHARDS DYSPEPSIA TABLETS

Unico Importador: Pedro M. Rodriguez
Caixa Postal, 577, Rio de Janeiro

DR. RICHARDS DYSPEPSIA TABLET ASSOCIATION, NEW YORK

completo, só foi encontrado em 1616 por Soumaise, na bibliotheca platina de Heidelberg. Dividida em cinco partes ou livros, esta anthologia tem mais de setecentos epigrammas, formando cerca de trez mil versos. A primeira e a segunda parte apenas contêm epigrammas demasiadamente licenciosos, alguns dos quaes são notaveis pela descripção minuciosa dos costumes. A terceira parte intitulava-se *Epigrammatica anathematica*, nome com que se designavam os epigrammas que serviam de inscripções ás offertas feitas aos deuses. A quarta só contém epitaphios e epigrammas funerarios. A mais variada é a quinta parte, que contém epigrammas sobre diversos assumptos. Esta collecção geral recebeu o titulo de *Epigrammata epidrktika* (epigrammas de luxo ou de ostentação) porque os versos escolhidos eram os que apenas revelavam brilhantismo de espirito. Ora, deve dizer-se de passagem, que entre os gregos, o epigramma, tendo um sentido muito mais amplo que hoje, participava ao mesmo tempo do proverbio, do madrigal e do epigramma moderno.

As anthologias de Céphalas e de Planudio offerecem uma opulenta galeria de quadros, cujos assumptos fornecidos pela historia, pela arte, pela mythologia, nos revelam a antiguidade com todos os seus habitos, a precisão da sua graça e a sua applicação intellectual.

Questão de tempo

— Como é isso, doutor? Disse-me que o doente morreria fatalmente e, comtudo elle está com uma saude que causa inveja!

— Perdão; eu disse que elle morreria fatalmente, mas não disse quando. Espere um pouco e verá. Pode ficar certo de que a minha prophecia se realisará.

SÓ É CALVO QUEM QUER
PERDE O CABELLO QUEM QUER
TEM BARBA FALHADA QUEM QUER
TEM CASPA QUEM QUER

PORQUE O PILOGENIO

Faz nascer novos cabellos, impede a sua quéda, faz vir uma barba forte e sadia e faz desapparecer completamente a caspa e quaesquer parasitas da cabeça, barba e sobrancelhas. Numerosos casos de curas em pessoas conhecidas, provam a sua efficacia.

BEXIGA, RINS, PROSTATA, URETHRA

A URUFORMINA GRANULADA de Giffoni é um precioso diuretico e antiseptico dos rins, da bexiga, da urethra e dos intestinos. Dissolve o acido urico e os uratos. Por isso é ella empregada sempre com feliz resultado nas influencia renal, cystites, pyelites, nephrites, pyelo-nephrites, urethristes chronicas, inflamação da prostata, catharro da bexiga, typho abdominal, uremia, diathese urica, arêas, calculos, etc.

As pessoas idosas ou não que têm a bexiga preguiçosa, e cuja urina se decompõe facilmente devido a retenção, encontram na URUFORMINA de GIFFONI um verdadeiro ESPECIFICO porque ella não só facilita e augmenta a DIURESE, como desinfecta a BEXIGA e a URINA evitando a fermentação desta e a infecção do organismo pelos productos dessa decomposição. Numerosos attestados dos mais notaveis clinicos provam a sua efficacia. Vide a bulla que acompanha cada frasco.

ENCONTRA-SE NAS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS DESTA CAPITAL E DOS ESTADOS E NO

Deposito: Drogaria Francisco Giffoni & C. — 1º de Março, 17 — Rio de Janeiro

O CASAMENTO DE ANDRIANATORO

(ANDROTSARA)

Os arrozaes já não chegavam. Os homens da aldeia de Ambohimambovina, de commum accordo haviam decidido pôr fogo á floresta para utilisar as terras depois... Os ultimos clarões do incendio confundiam-se no horizonte com a purpura dos raios do sol poente.

Da floresta, virgem dos pés humanos, nada mais restava senão cinzas espessas, coroadas de fumo ainda que o vento da terra fazia turbilhonar.

E a noite chegou rapida, sem crepusculo. Calma absoluta no campo. Nenhum *malgache* ahi se aventuraria com temor de encantar os espiritos da floresta. Só o disco sanguinolento da lua cheia espargia sobre os campos os raios de sua luz melancolica.

Quando o olho do dia com a sua luz benefica inundou as casas da aldeia todos os Betsileo estavam promptos a partir para o trabalho. Envoltos em seus mantos de vivas côres, varias mulheres foram em seguimento dos homens para os planaltos que o incendio devorador desbravara ahi creando uma nova fonte de riquezas!

* * *

Uma rapariga ainda muito nova, envolta em um manto azul celeste fazia-se notar entre as suas companheiras por dous olhos enormes, côr de saphyra que formavam um extranho contraste com a sua côr de puro ebano. Vinha penteada á moda da terra com uma porção de trancinhas enroladas acima das orelhas deixando a descoberto um perfil tão fino, tão regular que qualquer branco o desejaria. Essa moça, Mangamaso, fructo da falta de uma mãe preta com um branco, só tinha de commum com as visinhas a coloração da epiderme. Seu pae, o avaro Rainimangamaso, não se deixara enganar pela mulher porque os olhos da creança, aquelles olhos que lhe tinham valido o nome eram a prova irrefutavel do adulterio. Havia-se calado entretanto, acalmada a sua colera pelos presentes do europeu que um bello dia abandonou a terra dos Betsileo pelas regiões de Imerina.

Mangamaso, ignorante de sua origem, havia sido creada como todas as outras raparigas da tribu; mas idéas extranhas appareciam-lhe por vezes. Cahia ás vezes em scismas profundas que não deixavam de intimidar os homens! Dizia-se mesmo que a mecha de cabellos que lhe faltava no cantinho da orelha, fôra cortada por um feiticeiro que della se servira para atirar sobre a moça um encantamento fatal!...

Uma grande animação reinava agora no planalto, onde extendera outr'ora a floresta sua luxuriante vegetação. Os homens cavavam buracos na terra com um páo aguçado e as mulheres seguindo-lhes as pégadas atiravam nesses buracos alguns grãos de arroz cobrindo-os em seguida com a terra que puxavam com os pés. Esse trabalho durou varias horas; depois retiraram-se todos deixando a Deus o cuidado de fazer germinar a planta. Mangamaso, porem não voltou sosinha!

O rico Andrianatoro havia feito reparo nella por varias vezes, nas ruas da aldeia e nessa manhã, quando ella separada de todos se entregava aos devaneios, o coração cheio de impossiveis aspirações que nelle nasciam mercê do sangue do branco que ella tinha, contemplara-a ainda uma vez. Depois aproximara-se della, e confessara-lhe o desejo que lhe nascera de fazer della, a filha de um camponez, sua esposa.

Mangamaso, tinha attingido á idade de 18 annos sem jamais ter tido um só amante; esse facto porem, rarissimo entre as mulheres de sua raça, longe de afastar a estima de Andrianatoro, só fez augmental-a.

Como elle era bello e rico e *andriana* (de raça nobre), Mangamaso acceitou sua proposta e eis porque na volta do campo foram juntos para casa de Rainimangamaso.

Este tarifou muito caro, sem piedade para com o seu futuro genro, a sua filha. Andrianatoro pagou quanto lhe foi exigido para ter o direito de levar sua esposa na terceira noite a partir daquelle dia. Sem outra qualquer formalidade a joven Betsileo de olhos azues foi introduzida na casa construida perto do rio Mongoka, daquelle que seria seu marido se a experiencia fosse satisfatoria.

* * *

Aquella extranha creatura que tinha nas veias sangue de *vahasa* (extrangeiro), mostrou-se a mais ardente das amantes. As primeiras noites do joven casal deslisaram em meio de uma ebriedade sem par.

Mangamaso que conhecia agora o amor adorava o seu senhor com toda a fogosa paixão dos Betsileo. A delicadeza dos seus sentimentos entretanto espantava ao mesmo tempo que enchia de prazer a Andrianatoro. Sua bella cabeça apoiada sobre o robusto peito delle, Mangamaso com a sua doce voz rica de entonações musicaes, murmurava:

— Escuta! As aguas do rio beijam a praia sempre e sempre e da mesma forma a brisa não deixa de acariciar as folhas. Ouves a sua voz profunda, branda ás vezes como a caricia da amizade, ardente logo como um beijo de amor? Ora a brisa e o rio disseram-me: «Deixa que o teu coração se inebrie mas para um unico e eterno amor»! Senhor, quero guardar extreme de todo pesar, a lembrança dos nossos dias de amor, dessa ebriedade mais suave aos nossos corações do que o mais puro hydromel... Nasci no mez funesto de Slahasaty, mas tenho certeza de que o teu amor vencerá o cruel Fano. Torna-me mãe para que possas o mais cedo possivel levar á casa de meu pae e desposar-me. Quereria sentir já em mim estremecer uma outra vida! Então tu irias espalhar por toda a aldeia a grande noticia. Depois volverias a buscar no meu lar paterno aquella que te dera a certeza de teres um descendente. Terminada a festa, partiriamos; e eu seria tua legitima esposa. Ao meu braço levaria a bilha vasia, bilha que não deverás quebrar jamais se não desejares ver ao mesmo tempo que o fim de nossa união a morte de tua esposa; porque se o teu coração se saciar de Mangamaso, Mangamaso irá viver com os crocodillos, seus irmãos.

— Como poderia eu deixar de amar-te? respondeu-lhe Andrianatoro. Tu és o lotus, a flor marinha, o perfume do balsamo, a estrella da manhã. Teus cabellos tem o brilho forte das azas da andorinha; teus supercilios são traçados como por mão do divino artista; teus olhos são radiantes como uma lampada de ouro e teus labios mais finos do que a corda de um arco. Como poderia deixar de amar-te? Vendo-te, os feiticeiros esquecem sua sciencia e seus livros e para elles converte-se o inverno em verão. Eu te amo como os crentes amam Ambohimanga, a santa, e os tumulos donde jorra a luz! O talhe teu é semelhante aos caniços dos lagos, teu perfume é mais suave que o aroma do *betsa-betsa*. Oh! minha bella de olhos profundo como o mar, toma-me em teus braços, aperta-me contra o teu seio. Enxuga com os teus cabellos o suor de minha fronte, e quanto a ti, mez de Alahasaty, mez agoureiro, vae-te, some-te nas entranhas da terra!

* * *

Passou-se um anno. Ai! A experiencia não fôra satisfactoria. Mangamaso não pudera dar a Andrianatoro a gloria da paternidade. Elle não quiz guardar uma mulher que não podia dar-lhe os filhos que os antepassados exigem para o seu culto.

E uma bella manhã, decidiu-se a enviar ao pae aquella que não podia ser sua legitima esposa. Mangamaso acceitou sem murmurar essa decisão, conforme os usos.

Alguns momentos antes de deixar para sempre a casa de seus amores, Mangamaso desmanchou as finas tranças dos seus cabellos e cortou-os. Espargiram-se pelo solo. Vestiu depois seu mais bello vestido branco e appareceu oh! lugubre espectaculo, de luto, diante de Andrianatoro. Seus bellos olhos conservavam sempre a sua pureza azulina mas o homem não se lembrou mais de suas palavras nas primeiras noites...

No dia seguinte transportaram para a soberba casa de Andrianatoro o corpo sem vida de uma moça de olhos azues que as ondas haviam depositado na praia.

Mangamaso tinha ido procurar o esquecimento nas aguas profundas do Mangoka e os crocodillos haviam respeitado o corpo de sua irmã...

No dia vermelho de Alatsinamy, na hora do pôr do sol que convem aos mortos, Mangamaso foi enterrada. E desde então Andrianatoro vae todas as noites ao tumulo de sua primeira mulher sem temor aos feitiços que lhe podem fazer os *djinns*. Pessoas que o têm visto nesses passeios nocturnos, accusam-n'o de feitiçaria. Mangamaso muitas vezes lhe tem apparecido, mas não parece zangada. Entretanto elle não puzera nenhuma moeda de prata na bocca da morta para attrahir a sua sympathia. Oh! que extranha feiticeira aquella que de sua morada roubou a alma de Andrianatoro!... A ciumenta moça, do sagrado bosque de Ambudrombe vela sobre a vida de seu senhor cuja existencia perturba uma eterna saudade. Sentado em sua varanda elle sonha! Quando em piroga elle atravessa os rios e os lagos atapetados de lotus donde emergem os pontudos focinhos dos crocodillos é em Mangamaso que elle pensa ainda.

Oh! Extranha filha de um *vahaz*, (estrangeiro) linda moça dos olhos azues, qual é pois o enigma do teu encanto?

ANDROTSARA é talvez o unico escriptor cujos trabalhos tenham conseguido a divulgação fóra de sua terra natal — a ilha de Madagascar. E' malgache puro. Suas historias, ingenuas e impregnadas de singular sentimento poetico retraçam os costumes de seus compatriotas. São cerca de 2 mil novellas umas de sua autoria, outras colhidas aqui e alem na tradição popular. Vive em Tananarive.

O Commercio do Rio

Uma face da Casa Sportman

o mais vasto armazem de calçados e artigos para Sports.

Rua dos Ourives, 25 a 27

Perto da Rua do Ouvidor

CURA ASSOMBROSA ! !

COM O

ELIXIR DE NOGUEIRA

Lobato Castello Branco

Exmos. Snrs. Viuva Silveira & Filho.

Rio de Janeiro

Cordeaes saudações

Venho com o meu retrato a presença de VV SS. patentear a exuberante prova de prodigiosa cura do maravilhoso «ELIXIR DE NOGUEIRA» do muito digno Pharmaceutico chimico Sr. João da Silva Silveira.

Pois desde de 1897 que soffria de umas manchas negras em parte do corpo, e logo no começo, nos primeiros annos fiz algumas consultas e tomei diversos depurativos sem que tivesse obtido resultados. Casualmente no anno de 1912 lendo muito distrahidamente um folheto deparei com um annuncio do milagroso «ELIXIR DE NOGUEIRA» e resolvi tomal-o, ficando completamente curado com o uso de 6 vidros.

Aproveito, portanto, a occasião para enviar os meus votos e agradecimentos pelo resultado que obtive.

Podem considerar-me como um dos vossos devotados propagandistas e dispor de minha pessôa como tal.

Podem fazer da presente o que melhor lhes convier.

Lobato Castello Branco

Amazonas, Rio Puruś, Metaripuá, 24 10 914

Este grande depurativo do sangue, vende-se em todas as pharmacias, drogarias e casas de campanha ou sertão do Brasil e Republicas do Prata.

CASA MATRIZ

Pelotas - RIO GRANDE DO SUL - Caixa N. 66

Casa Filial e Deposito Geral

RUA CONSELHEIRO SARAIVA Ns. 14 e 16

Caixa do Correio 148 — Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro, 79 — Rio de Janeiro

E EM TODOS O ESTADOS DO BRAZIL

N'um salão

— Então, como é isso, sr. coronel ! dizem que o sr. tem 60 annos...
— E d'ahi...
— Eu não lhe dava cincoenta.
— Nem eu os aceitava, minha senhora, porque assim ficaria com 110.

VALES QUANTO PEZAS

E' uma phrase vulgar, mas em matéria de hygiene ella é a representação exacta da verdade. O pouco peso traduz com effeito má saúde, anemia, mão trabalho de assimilação dos alimentos. Felizmente,

é um excellente correctivo das dificiencias de peso.

É o oleo de figado de bacalhão, preparado homoeopathicamente de modo a fazer desapparecer o máo cheiro e sabor que tornam as emulsões desagradaveis. MORRHUINA é um excellente constructor de musculos : as crianças, enfraquecidas por vicios congenitos ou mal alimentadas, robustecem-se rapidamente. Os gordos substituem por musculos as gorduras ; os magros conquistam uma gordura musculosa.

Si quizer filhos fortes adopte a MORRHUINA.

Coelho Barbosa & C.

QUITANDA, 106 e OURIVES, 38

Rio de Janeiro

DISCOS DUPLOS "COLUMBIA"

A BÔA MUSICA DE TODOS OS AUTORES NACIONAES, HOJE

EM NOSSA CASA